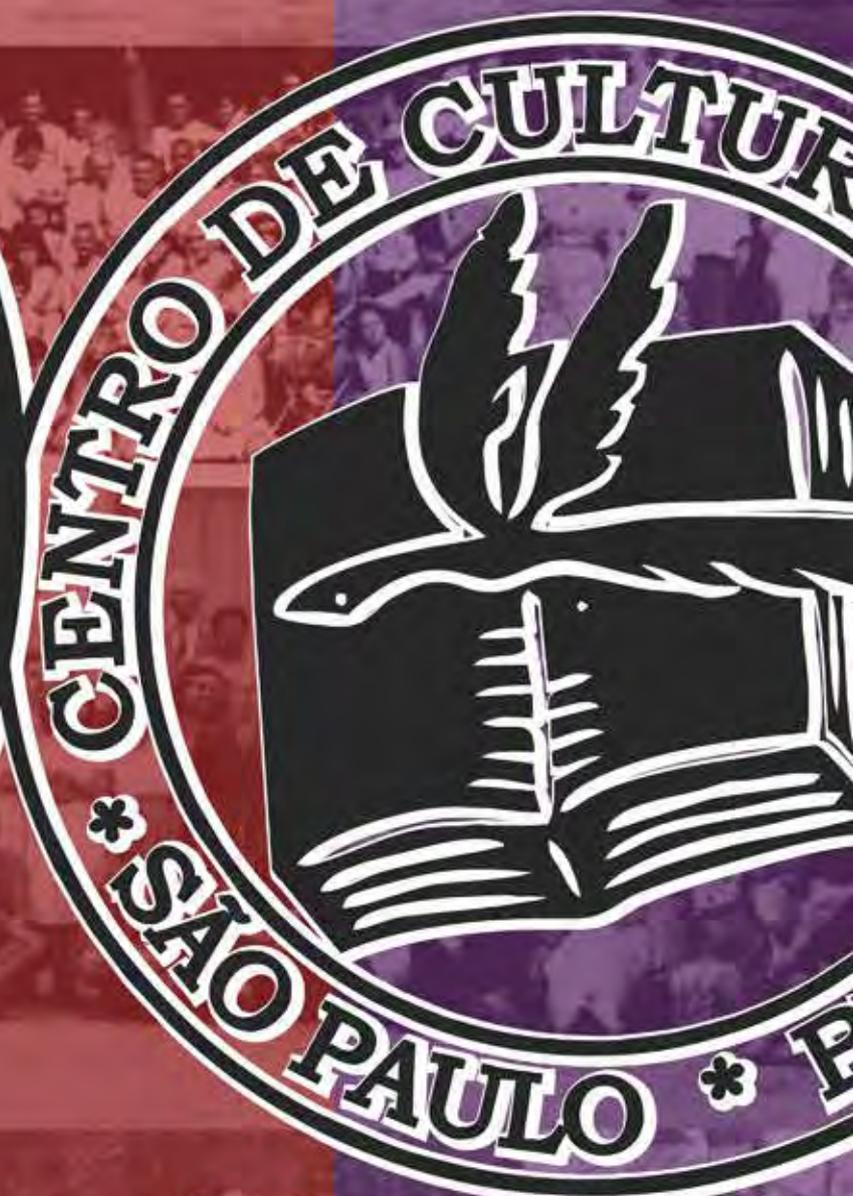




REVISTA DO  
**CENTRO DE CULTURA SOCIAL**  
nº 3 — agosto de 2023

especial  
**CCS 90 ANOS**



SÃO PAULO, 24 DE OUTUBRO DE 1947

ANO III — Nº 11 (Nova Série)

# A PLEBE

PELA LIBERDADE COM O ANARQUISMO

Revista: CDS 2.211 — Telefone: CDS 20.00 — Caixa Postal: 2731

Diretor-Geral: EDGARDO LEITENBERG

O Anarquismo não pretende ignorar as lutas que existem em sua vida social, mas defende a liberdade social que possibilite a todos as mesmas condições para a conquista de uma vida livre e digna.  
Anônimo, Lourenço

SÃO PAULO — MARÇO DE 1944

ANO III — Nº 36

# o Libertário

LUTAMOS CONTRA TODAS AS FORMAS DE TIRANIA, DE EXPLORAÇÃO E DE ESCURANTISMO — E EM FAVOR DE LIBERDADE E BEM-ESTAR PARA TODOS.

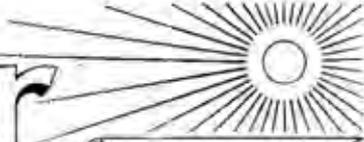
# Ação Sindical

ESTUDOS — CRÍTICA — ORIENTAÇÃO

Ano I - Nº 3 - Março de 1939 - Diretor responsável: Alexandre C. Florin - Administrador: Silvana Leite - Redator: José Roberto de Oliveira, R. 17 - Centro - Correspondência: R. P. 2732 - São Paulo - Brasil

A organização do trabalho para melhorar a vida social e econômica e com o fim de obter a libertação e a autonomia do trabalhador em suas atividades sociais, econômicas, políticas, culturais, etc. O movimento sindical, como organização de luta, deve ser capaz de produzir uma ação direta que promova a emancipação do trabalhador no Brasil e no mundo inteiro. O primeiro que fazemos é dar liberdade de expressão ao trabalhador.

# dealbar



Desenho: PEDRO CAVALLO

Redação e Administração: Rua Roberto de Oliveira, 13. Correspondência: Caixa Postal 5729 São Paulo

A IDÉIA É COMO A GÓTA D'ÁGUA. PODE REFLETIR A IMENSIDADE.

ANO 71 - NÚMERO 12

SÃO PAULO, MARÇO DE 1948

PREÇO NC: 3 0,30



União Anarquista de S. Paulo

MOVIMENTO DE ORIENTAÇÃO SINDICAL (M. O. S.)  
Sede: Rua José Bonifácio, 387 - sob.

Algumas iniciativas que foram albergadas no Centro de Cultura Social até 1968

**REVISTA DO  
CENTRO DE CULTURA SOCIAL**



Uma publicação do  
Centro de Cultura Social de São Paulo.

*O Centro de Cultura Social de São Paulo é remanescente de uma prática comum do movimento libertário no Brasil. Tem como principal objetivo o aprimoramento intelectual, a prática pedagógica e os debates públicos. Para tanto lança mão de meios como palestras, cursos, seminários, filmes, peças teatrais, entre outros, além de manter um acervo de arquivo e biblioteca voltados principalmente para o anarquismo. Desenvolve assim formas de ação e de formação de militantes e de livres pensadores, tendo sido comum a formação de diversos centros de cultura ou congêneres no primeiro meado do século XX. A finalidade do CCS é, inclusive estatutariamente, estimular, apoiar e promover nos meios populares o estudo de todos os problemas que se relacionam com a questão social, não somente de cunho anarquista, mas de maneira plural, havendo o especial cuidado de manter-se distante de qualquer instrumentação externa, seja de partidos políticos ou não. O CCS é independente de qualquer outra organização. Tem constituição de pessoa jurídica e tem seu funcionamento regido pelo seu estatuto. A gestão se dá pela comissão administrativa do CCS, eleita anualmente, cumpridora das deliberações de assembleias de seus sócios efetivos, havendo a participação de seus sócios contribuintes. Sendo uma entidade sem fins lucrativos, o CCS mantém-se apenas por contribuição de seus sócios e simpatizantes.*

*O CCS mantém desde a sua fundação o seu caráter apartidário, plural e libertário, em que todos são bem-vindos a opinar e debater, se resguardando em não fazer proselitismo religioso ou partidário e nem posicionamentos sectários.*

## Centro de Cultura Social

Rua General Jardim, 253 sala 22  
Vila Buarque – São Paulo – SP  
CEP 01223-011

Caixa Postal 105  
São Paulo – SP  
CEP 01031-970

### Colaboraram nessa edição:

Alexandre Samis  
Antonio Carlos Oliveira  
Beatriz Romano Tragtenberg  
Cibele Troyano  
Evaldo Amaro Vieira  
Guilherme Falleiros  
Jamilé Gonçalves  
José Damiro  
Larissa Guedes Tokunaga  
Lucia Parra  
Mayume Horibe  
Nilton Melo  
Markinhos Souza  
Marinice S. Fortunato  
Rusdy Delgado Rabeh

Capa: colagem de fotos em frente ao salão sede da Nossa Chácara no Itaim Paulista entre 1940 e 1960, incluídos dentre os participantes vários membros do CCS.

Contracapa: colagem de logotipos de iniciativas que funcionaram na sede do CCS até 1969.

Quarta capa: frente do prédio sito à rua Rubino de Oliveira, 85, no bairro do Brás em São Paulo (década de 1980).

Esta é uma publicação do Centro de Cultura Social de São Paulo. Qualquer parte pode ser reproduzida desde que citada a fonte.

Informações e programação das atividades do CCS no endereço [www.ccssp.com.br](http://www.ccssp.com.br) e nas redes sociais

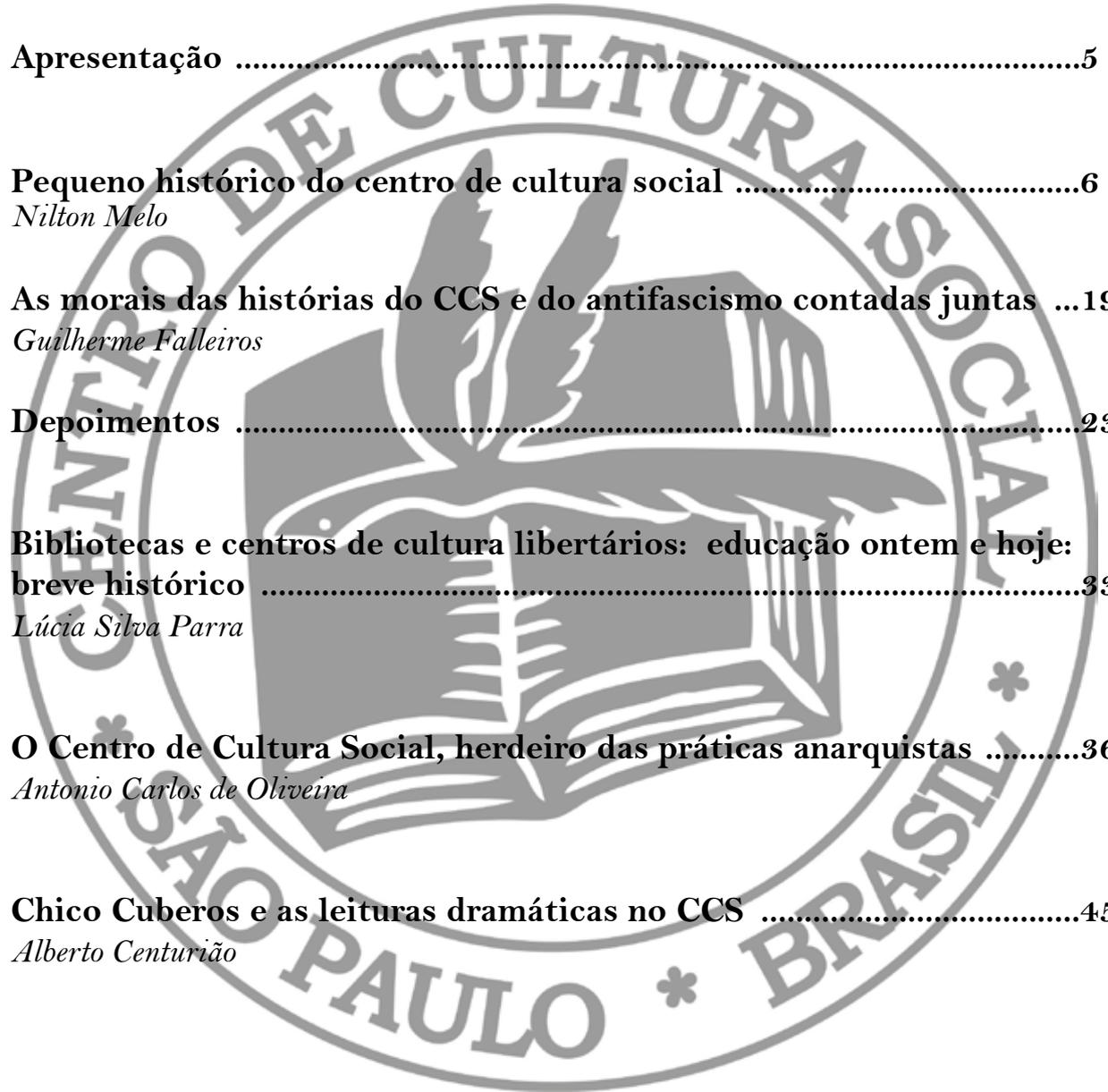
Revista do Centro de Cultura Social nº 3 (agosto de 2023). São Paulo: Centro de Cultura Social, 2023. 48 pp.

ISSN 1983-4691

1. Centro de Cultura Social. 2. Anarquismo.

CDD 320.57

# SUMÁRIO



<b>Apresentação .....</b>	<b>5</b>
<b>Pequeno histórico do centro de cultura social .....</b>	<b>6</b>
<i>Nilton Melo</i>	
<b>As morais das histórias do CCS e do antifascismo contadas juntas ...</b>	<b>19</b>
<i>Guilherme Falleiros</i>	
<b>Depoimentos .....</b>	<b>23</b>
<b>Bibliotecas e centros de cultura libertários: educação ontem e hoje: breve histórico .....</b>	<b>33</b>
<i>Lúcia Silva Parra</i>	
<b>O Centro de Cultura Social, herdeiro das práticas anarquistas .....</b>	<b>36</b>
<i>Antonio Carlos de Oliveira</i>	
<b>Chico Cuberos e as leituras dramáticas no CCS .....</b>	<b>45</b>
<i>Alberto Centurião</i>	

**(...) tem como finalidade: estimular, apoiar e promover nos meios populares e principalmente, entre os trabalhadores, onde as possibilidades de cultura são limitadas por toda espécie de empecilhos, o estudo de todos problemas que se relacionam com a questão social**

Contra todas as tiranias que, por meio do Estado onipotente, de ditaduras ou de fascismos de formas diversas, estrangulam as liberdades do individuo e da coletividade;

Contra a opressão econômica, que permite o regime odioso da exploração do homem pelo homem, anulando as possibilidades materiais para o desenvolvimento do individuo dentro de uma coletividade próspera e livre, e provocando, ainda, toda a sorte de misérias e corrupções;

Contra todas as manifestações de obscurantismos que contribuem para o embrutecimento mental do individuo, com a prática de crendices, superstições e preconceitos;

Contra todos os vícios, hábitos e costumes que correm para o rebaixamento do caráter, a corrupção moral e física do individuo e animadores do espirito de subserviência, do subórno e de todas as balizas que corrompem o ambiente social.

4.º — De acôrdo com essas finalidades, o Centro de Cultura Social desenvolverá sua obra usando, principalmente, os seguintes meios, visando interessar, não exclusivamente seus sócios, mas aos trabalhadores em geral:

a) Promover ou auxiliar a realização de conferências e palestras comentadas, em sua sede ou em outros recintos de associações populares ou sindicatos operários;

b) Organizar cursos de aperfeiçoamento cultural, artístico e profissional, bem como cooperar em iniciativas que tenham por fim a fundação, manutenção ou desenvolvimento de escolas populares de orientação racionalista;

c) Fundar uma biblioteca circulante constituída, principalmente, de obras e publicações periódicas que tratem da questão social;

d) Promover ou auxiliar exposições artísticas, científicas e profissionais de alcance popular;

e) Organizar, para seus sócios, um serviço de livreria com o fim de adquirir, em condições vantajosas, livros e publicações periódicas, cooperando para a divulgação das de caráter social nos meios populares;

— 2 —

**(...) trabalhará para desenvolver nos meios populares o espírito de solidariedade, para que se forme um ambiente social onde se alimente, sempre em maior grau, os elementos favoráveis à elevação da pessoa, cultural e profissionalmente; por isso, recusa todas as formas de tirania que prejudiquem as liberdades individuais e coletivas; todas as formas de exploração que anulam as possibilidades econômicas para o desenvolvimento do individuo dentro da coletividade livre; todas as formas de obscurantismo que contribuem para o embrutecimento do individuo; todos os hábitos e atitudes que concorrem para o relaxamento do caráter da pessoa.**

## RO DE CULTURA SOCIAL ESTATUTO



S. PAULO  
1945

## CENTRO DE CULTURA SOCIAL ESTATUTOS

### Constituição e sede

1.º — O Centro de Cultura Social, sociedade civil com sede em São Paulo, capital do Estado de São Paulo, fundado em 14 de Janeiro de 1933 e reconstituído em 2 de Junho de 1945, tem por fim o que está contido em seu próprio nome e detalhado nas finalidades consignadas nestes estatutos, a saber:

### Finalidades

2.º — O Centro de Cultura Social tem por finalidade estimular, auxiliar e promover nos meios populares, principalmente entre os trabalhadores, onde as possibilidades de cultura são limitadas por toda a sorte de empecilhos, o estudo dos Ideais de emancipação humana que objetivam o estabelecimento de uma nova ordem de coisas, baseadas em princípios de justiça e de equidade sociais, que facultem a cada individuo e à coletividade, o gozo de uma situação de liberdade e bem-estar, resultantes do esforço comum e a que todos fazem jús.

3.º — Mantendo-se à margem da política partidária, o Centro de Cultura Social trabalhará para desenvolver entre o povo o espirito de solidariedade, necessário para que se forme um ambiente social onde se alimentem os elementos favoráveis à elevação da personalidade humana, física e moralmente, cultural e profissionalmente, para o que se impõe a ação, que sustentará:

— 1 —

f) Promover saraus litero-artísticos, exhibições cinematográficas e excursões com programas de acôrdo com as finalidades do Centro de Cultura Social;

g) Patrocinar a atividade do Grupo Teatro Social, cujo programa é promover espetáculos em centros populares, com programas que constituam, ao mesmo tempo, elemento recreativo e educacional, artístico e social;

h) Promover outras iniciativas que se tornarem necessárias para o desenvolvimento da obra do Centro de Cultura Social e que estejam de acôrdo com seus princípios e orientação;

i) Auxiliar a fundação de centros com igual finalidade em subúrbios de S. Paulo e em outras cidades, estabelecendo com os mesmos, e com as entidades similares já existentes, uma obra de conjunto.

### Orientação

5.º — O Centro de Cultura Social não participa, direta ou indiretamente, de qualquer ato de feição religiosa ou politico-partidária, não podendo seus sócios, nessa qualidade, agir nesse sentido.

6.º — O Centro de Cultura Social não concede títulos honoríficos a seus sócios ou a estranhos.

### Quadro Social

7.º — Póde pertencer ao Centro de Cultura Social qualquer pessoa, sem distinção de sexo, raça ou nacionalidade, que esteja de acôrdo com os princípios gerais, as finalidades e as normas administrativas constantes destes estatutos.

8.º — A inscrição, como sócio, será feita mediante a apresentação do pretendente por dois sócios. Se a Comissão Administrativa tiver dúvidas sobre a conveniência da aceitação de algum pretendente, levará o fato ao conhecimento da Assembléa Geral, para que resolva em definitivo.

— 3 —

# APRESENTAÇÃO

É com muita alegria que lançamos o terceiro número da *Revista do Centro de Cultura Social* para celebrar os nossos 90 anos de existência.

Companheiros e companheiras que hoje fazem parte do CCS, e outras pessoas que dele participaram, foram convidadas a contribuir com suas pesquisas e depoimentos pessoais, para compartilharmos a história e as práticas desenvolvidas desde sua fundação, em 1933.

A revista tem início com um artigo de Nilton Melo, que faz um relato detalhado das interseções entre a história do Centro de Cultura Social de São Paulo e diversos acontecimentos políticos e sociais ocorridos no Brasil, a partir do início do século XX até a primeira década do século XXI.

Guilherme Falleiros, em “As morais das histórias do CCS e do Antifascismo contadas juntas”, analisa não só as incansáveis ações do CCS na luta contra o fascismo no Brasil ao longo de sua história até os dias atuais, como também nos fornece os elementos essenciais para a compreensão do fenômeno fascista, à luz de pensadores e militantes anarquistas.

A seguir, companheiros e companheiras de diferentes gerações relatam a sua experiência com o Centro de Cultura Social, destacando o papel desempenhado por ele em sua formação prática

e teórica.

Lúcia Parra, em “Bibliotecas e Centros de Cultura Libertários: Educação ontem e hoje”, resalta o lugar de destaque ocupado pela educação entre anarquistas, traçando um histórico sobre as atividades culturais e formativas dos Centros de Cultura Social que, para além de serem espaços de luta e resistência, sempre promoveram a sociabilização e a difusão da cultura libertária.

Antonio Carlos de Oliveira, em seu artigo “O Centro de Cultura Social, herdeiro das práticas anarquistas”, faz um minucioso relato das lutas anarquistas contra as ditaduras implantadas no Brasil, enfatizando as relações entre anarquismo e movimento punk na luta contra a ditadura imposta ao país pelo golpe militar de 1964.

O artigo escrito por Alberto Centurião, relatando a intensa atividade teatral promovida pelo CCS, entre 1999 e 2013, encerra esta edição comemorativa.

Desejamos que a leitura sirva como fonte de inspiração para (re)aproximar companheiros e companheiras e manter inflamada a chama do Centro de Cultura Social.

Saúde e Anarquia!

# PEQUENO HISTÓRICO DO CENTRO DE CULTURA SOCIAL

Nilton Melo <sup>1</sup>

A história do Centro de Cultura Social de São Paulo (CCS) é indissociável da história do movimento anarquista e do início do movimento sindical em São Paulo, tendo já uma meia dúzia de estudos a ela dedicados, além de várias minutas produzidas internamente, e, dada a sua longevidade, com versões e conclusões divergentes, o que propicia uma boa diversidade de abordagens.

Das primeiras décadas do século XX a organização sindical foi um dos principais vetores sociais, tendo tido grande participação nas agitações populares — reivindicações trabalhistas, movimento contra a carestia, anticlericalismo —, além da sempre presente proposta de transformação social via revolução. O anarquismo era uma das principais forças até a década de 1920.

A falta de recursos, supressão de direitos e brutalização das condições de vida das classes baixas acarretavam uma baixa instrução dos trabalhadores, e, visando suprir essa deficiência, além da ideia de preparar o indivíduo para uma nova sociedade sem os antigos vícios e preconceitos, exercitando a sociabilidade e trabalhando a solidariedade, os sindicatos de matriz revolucionária e agrupamentos anarquistas formavam organizações culturais e educativas — ateneus libertários, ligas culturais, grupos filodramáticos, bibliotecas, grupos de estudos —, nos sindicatos ou autonomamente. Mais tarde, quase temporão, o CCS é criado nessas condições.

Embora desde sempre ligado ao movimento anarquista, continuamente pautou-se pelo debate amplo, aberto a todos, visando, conforme seu estatuto, “estimular, apoiar e promover nos meios populares (...) o estudo de todos problemas que se relacionam com a questão social”. Como exemplo, em um panfleto de 1933 são conclamados para um encontro antifascista “todos trabalhadores, estudantes, intelectuais, democratas sinceros e liberais convictos”, e um convite para um debate, publica-

do n’A *Plebe* em 1947, frisa que “os oradores tem completa liberdade de exposição, quaisquer que sejam os seus pontos de vista, travando-se sempre debates esclarecedores após as conferências sempre em um ambiente de respeito mútuo”. Jaime Cubero, militante anarquista e membro do CCS de 1945 a 1998, recordava que até mesmo uma delegada de polícia já proferira palestra, em 1988. Para o 10º Encontro Libertário de 1964 é preparado um histórico das atividades do CCS, frisando que este “foi sempre tribuna livre, aberta para quem quisesse se expressar — inclusive para um conferencista que rezara um Padre Nosso inteiro e que, entretanto, foi ouvido respeitosamente”. Ainda assim, completa o relato: “nunca entrou nele um elemento estranho sem que soubesse que ali residia uma iniciativa libertária”. E, mesmo com tamanha liberalidade, em nenhum momento deixou o seu caráter libertário, mesmo que a menção da palavra “anarquista” em seu estatuto tenha se dado somente em 2007.

Numa primeira avaliação logo se reconhece três fases bem definidas, sempre circundadas por ditaduras: uma primeira fase, iniciada em 1933, com sua inauguração dentro da Federação Operária de São Paulo (FOSP), até o fechamento desta em 1937, com o Estado Novo; a segunda fase, iniciada em 1945, com a queda de Getúlio Vargas, indo até 1969, se encerrando com a decretação do AI-5, um recrudescimento da ditadura, que havia iniciado em 1964; e uma terceira fase, iniciada com a redemocratização, de 1985 até os dias atuais. Avaliar essas fases separadamente torna a tarefa fácil e sem maiores sobressaltos, mas vale fazer algumas considerações sobre a transição entre elas.

O imbricamento da história dos acontecimentos políticos em São Paulo, dos movimentos populares e do movimento anarquista no início do século XX diz muito das condições em que o CCS foi formado.

<sup>1</sup> Membro do Centro de Cultura Social.

Desse primeiro período temos a proeminência de elementos antigos, provindos das atividades sindicais que passaram pelas primeiras ligas operárias, como a Confederação Operária Brasileira (COB), a FOSP em 1905, pelos congressos operários de 1906, 1913 e 1920, pela Greve de 1917, além do conturbado governo de Arthur Bernardes (1922-1926). Ressalte-se que o período bernardino, passado praticamente todo em estado de sítio, foi especialmente sofrível para o movimento operário, com desmantelamento da estrutura operante, prisões e deportações — inclusive para a colônia penal de Clevelândia, em Oiapoque. Essa ruptura logrou um retorno do movimento sindical em 1926, porém sem a estrutura de antes e já com a ferrenha contraposição do Partido Comunista (PCB), fundado em 1922. Tem-se, então, a escalada dos levantes tenentistas de São Paulo, em 1924, a Revolução de 1930, e, logo após, a Revolução Constitucionalista de 1932.

Por esses acontecimentos, no todo ou em parte, passaram nomes como Amor Salgueiro, Francisco Cianci, Oswaldo Salgueiro, Pedro Catallo, Edgard Leuenroth, Rodolpho Philippe, Hermínio Marcos, Florentino de Carvalho, Luis Paparo, Domingos Panzarini, João Peres, Arsênio Palácios, dentre tantos outros, e fizeram-se presentes na reorganização da FOSP, em março de 1931, resultado das conferências operárias estaduais entre 1927 e 1931. Desde o início é colocada a importância de promover atividades culturais dentro da federação. Logo após, em 24 de junho de 1931, um agente do Departamento de Ordem Política de São Paulo (DEOPS), infiltrado na FOSP, relata em seu relatório que “na sede da Federação Operária de São Paulo, uns 20 elementos anarquistas deliberaram em fundar um centro denominado ‘Centro Cultura Social’ (sic) composto de sete membros nos quais figuram os célebres anarquistas: Florentino de Carvalho, Hermínio Marcos, Camarada Chauchi (sic) e outros.

14 de Janeiro de 1933

FOLHA DA NOITE

## REALIZA-SE HOJE A INAUGURAÇÃO DO CENTRO DE CULTURA SOCIAL

### O QUE DISSSE À “FOLHA DA NOITE” O SR. RODOLPHO FELIPPE

Hoje, às 20 horas, no salão da rua Quintino Bocaiuva, 80, realiza-se a inauguração do Centro de Cultura Social.

A propósito, procuramos a sr. Rodolpho Philippe, que nos disse o seguinte:

— “O nosso Centro, ainda está no seu período de formação. Estamos elaborando os nossos princípios. Entretanto, desde já, posso fornecer ao senhor o manifesto da Sociedade Cultural do Bello Horizonte, pois acredito que o nosso Centro seja mais ou menos guiado pelas mesmas diretrizes:

1) Divulgar e armar todos os ideais modernos de sociologia, de indústria e de ciência.

2) Estudar e espalhar todos os assuntos referentes às questões sociais por meio de conferências e propagandas diretas e indiretas.

3) Despertar a parte interna do indivíduo para as grandes ideias da Humanidade, trabalhando para o seu desenvolvimento físico e mental.

4) Esforçar-se para a formação do caráter brasileiro, pregando contra o espírito de balança e de engarrafamento, estimulando esse esforço ao homem em geral.

5) Unir todos os idealistas a entrar em relações estreitas com todas as associações do mundo, procurando tanto quanto possível formar um só corpo com as mesmas.

6) Combater o obscurantismo e os preconceitos em geral.

7) Proteger e combater quaisquer espécies de balanças, prevenindo de onde provier, partem de onde partir.

8) Combater o analfabetismo. Fundar, quando possível, grandes estabelecimentos de ensino primário e secundário e criar bibliotecas e cursos de instrução primária populares.

9) Proteger contra a exploração do homem, na paz como na guerra, na sociedade como na família, no trabalho como na economia.

10) Combater a influência unilateral religiosa nos estabelecimentos de ensino, mostrando a sua incongruência e a sua periculosidade, pelo desenvolvimento do espírito de intolerância.

11) Trabalhar em prol da solidariedade social, exercendo um apelo maior mais humano que cívico.

12) Elevar o ideal da paternidade e da maternidade. Despertar na mulher o ideal de uma maternidade livre, limitada e consciente.

13) Trabalhar pela educação da criança segundo métodos mais humanos, tirando-a tanto quanto possível da influência religiosa das lendas e superstições, principalmente religiosas, criando-lhes um ambiente mais feliz e mais sadia.

14) Ter ensinamentos humanitários e revolucionários para todos, sem distinção de crenças e de

clases, e sem preconceitos de cor, de raça, de religião ou de pátria. A Sociedade Cultural não reconhece outras fronteiras do que as traçadas pela solidariedade e fraternidade humana. Actua da pátria — a Humanidade; acima de todos os sentimentos cívicos ou patrióticos — o sentimento de Fraternidade Universal.

15) Pela Fraternidade Universal. Pela igualdade em todos os sectores da actividade humana. Contra o absolutismo e a tyrannia. Pela Liberdade absoluta. Pela livre manifestação do pensamento em voz alta. Contra todas as Inquisições.

16) Transformar a causa humana em interesse próprio, por ella trabalhando com ardor e entusiasmo.

17) Esforçar-se para a difusão de todos os trabalhos intellectuaes ou manuaes, no ponto de vista artistico e scientifico.

18) Fazer da imprensa um agente de educação social, combatendo-a quando, subornada, cede ao papel de sacavata de magnatas.

19) Criar uma casa editora para favorecer seus associados e propagar pela fundação de um jornal e uma revista artistica-trabalhadora de todos os ideais modernos.

20) Procurar interessar a molidade pelos problemas, problemas magros e conhecimento do nosso povo e de nossa terra.

21) Estudar com dedicacão o problema de nossos, artigos pelo lado hygienico e economico, divulgando os ensinamentos modernos por todos os habitantes do campo.

22) Concentrar energias para o levantamento moral do proletariado, organizando-o em syndicatos de resistencia e combate, despertando-lhe a individualidade e tornando-o conscião de seus direitos perante a sociedade. Despertar-lhe o espirito de classe. Amparar-o em todos os seus movimentos de reivindicaçoes.

23) Instaurar diversas seccões de estudos sobre americanidades e brasilidades.

24) Promover conferencias literarias, artisticas, sociais e scientificas, a fim de diminuir o quanto possível, em todos os campos, a influencia de elementos extremistas religiosos e reactionarios sobre as massas, convidando para conferencias intellectuaes cujas consciencias não se tenham prostituido ao culto de credos politicos e religiosos.

25) Promover cursos scientificos e artisticos populares em associaçoes operarias, dirigidos por cientistas e intellectuaes livres e cívicos, e que estejam de accordo com as finalidades da Sociedade Cultural.

A orientacão de tais cursos deve ser dada por directores da sociedade e elementos operarios.”

Recorte da *Folha da Noite* de 14/01/1933 relatando a inauguração do CCS.

Também ficou nomeado um grupo que organizará a federação anarquista (...). Edgar Rodrigues informa que, segundo correspondência de Pedro Catallo, o CCS teria nascido em 1932, provisoriamente em sua residência (RODRIGUES, 1993). Passadas essas primeiras iniciativas o ato inaugural do Centro de Cultura Social se dará efetivamente em 14 de janeiro de 1933, suas atividades foram fixadas no salão da rua Quintino Bocaiuva nº 80, no centro de São Paulo, mesmo local da FOSP, e Cianci foi seu primeiro secretário.

Dessa primeira fase nota-se um forte entrosamento das atividades culturais do CCS, das ações sindicais da FOSP, da luta antifascista nas suas diversas frentes, e das publicações da imprensa social, principalmente do jornal *A Plebe* (2ª fase, de 1931 a 1935), *O Trabalhador* (1931) e *A Lanterna* (3ª fase, de 1933 a 1935). Embora houvesse grande permeabilidade dos envolvidos,

com uma grande parte participando de uma e de outra, ou de todas as iniciativas simultaneamente, mantinha-se a independência das entidades, com estatutos, organização e esteios próprios.

Como um agitador cultural num meio sindical, mesmo havendo outras entidades culturais anarquistas em atividade, nos anos em que esteve aberto o CCS teve uma razoável produção, com palestras abordando uma miríade de temas, com Florentino de Carvalho, Francisco Cianci, Edgard Leuenroth, Martins Garcia, G. Soler, Osorio Cesar, Concepcion Fernandes, Manelique Bispo, J. Carlos Boscolo, Francesco Frola, Isabel Cerutti, Luisa Passanha, José Oiticica, Herminio Marcos, Mamede Freire, entre outros.

Não tardou para logo o CCS iniciar uma série de atividades tendo como base a luta antifascista. Desde a década de 1920 reverberavam ecos do fascismo na comunidade italiana local. Além disso, havia vários pensadores e políticos, como Miguel Reale, Plínio Salgado e Gustavo Barroso, e organizações de caráter fascista, como a Legião Cruzeiro do Sul, Legião Cearense do Trabalho, Ação Social Brasileira, Partido Nacional Sindicalista, entre outras, assim como algumas dezenas de publicações e periódicos. Ações do governo Vargas, hoje lidas como populistas, como a adoção da carteira de trabalho e criação do Ministério do Trabalho, sugeririam semelhanças com algumas condutas típicas de governos fascistas. Com a organização da Ação Integralista Brasileira (AIB), em 1932, e tendo como pano de fundo um governo que endurecia cada vez mais, várias entidades de diferentes linhas de pensamento, como o Partido Socialista Brasileiro (PSB), o Partido Comunista Brasileiro (PCB), “democratas” da Aliança



foto da edição de 18/11/1933 d'A *Plebe* do interior do Salão Celso Garcia durante *meeting* antifascista organizado pelo CCS em 14/11/1933.

Nacional Libertadora (ANL) e anarquistas, encamparam uma posição antifascista, por vezes entre seus pares, outras numa proposta de coalizão, mirando principalmente na AIB. A FOSP e o CCS foram bastante ativos na linha anarquista, havendo apoio e críticas à proposta de frente única, e encabeçando vários encontros e manifestos. Um dos acontecimentos mais marcantes foi a Batalha da Praça da Sé, em agosto de 1934, quando uma frente de antifascistas, com vários participantes da FOSP e do CCS, desbaratou violentamente uma grande marcha dos camisas verdes da AIB, sendo esse feito lembrado jocosamente, para desgosto dos partidários integralistas, como a “revoada das galinhas verdes”. O tom de denúncia ao fascismo continua em março do ano seguinte em meio ao debate da Lei de Segurança Nacional.

Embora essa primeira fase do CCS abranja um curto período de quatro anos de grande turbulência nacional (1933–1937), na prática foi de apenas dois anos – de janeiro de 1933 ao final de 1935 –, quando, após o levante fracassado da Intentona Comunista, puxada pela ANL e o PCB, é iniciada uma repressão generalizada a todos os opositores do governo. Foi decretado estado de sítio até o final do ano de 1935, com prorrogação por mais 3 meses, sendo efetivado na prática o estado de guerra que perdurou até metade de 1937. Pedro Catallo, em correspondência de 1945, quando tece comentários sobre a reabertura, lamenta a espera “durante os últimos dez anos, pois para nós a ditadura foi implantada no país em 1935” (RODRIGUES, 1993). Simultaneamente a esses eventos a FOSP passa uma momentânea crise com diminuição de sindicatos filiados, dificuldades financeiras e mudança para outra sede na praça da Sé e mesmo com uma pequena abertura em julho de 1937 não teve força suficiente para conseguir recuperar o viço anterior das atividades, cerceadas nesse hiato de um ano e meio, pois logo em novembro há novo recrudescimento do governo. Aí, com o Estado Novo, opositores e instituições contrárias ao regime são perseguidos, tendo o DEOPS oficiado em 18 de novembro de 1937 o fechamento da sede da FOSP, e, conseqüentemente, também do CCS. A partir daí, o caminho para os seus membros seria a clandestinidade.

O movimento anarquista contraiu-se desde então. Posteriormente, encontrou refúgio para reuniões, assim como alento para os encontros e

a socialização entre seus companheiros, na Sociedade Naturista Amigos de Nossa Chácara (Nossa Chácara), organizada em 1936 e localizada em um terreno de 7 hectares no bairro paulistano do Itaim Paulista, às margens da Estrada de Ferro Central do Brasil. Mais uma organização libertária, que compartilhava boa parte dos seus membros, vários oriundos dos recém fechados FOSP e CCS. Durante todo o Estado Novo, sem condições de efetivar a propaganda libertária, ali ocorreram os encontros dos antigos militantes e se manteve viva a chama do anarquismo até que surgisse uma nova oportunidade. Com a queda de Getúlio, em 1945, a oportunidade se abriu.

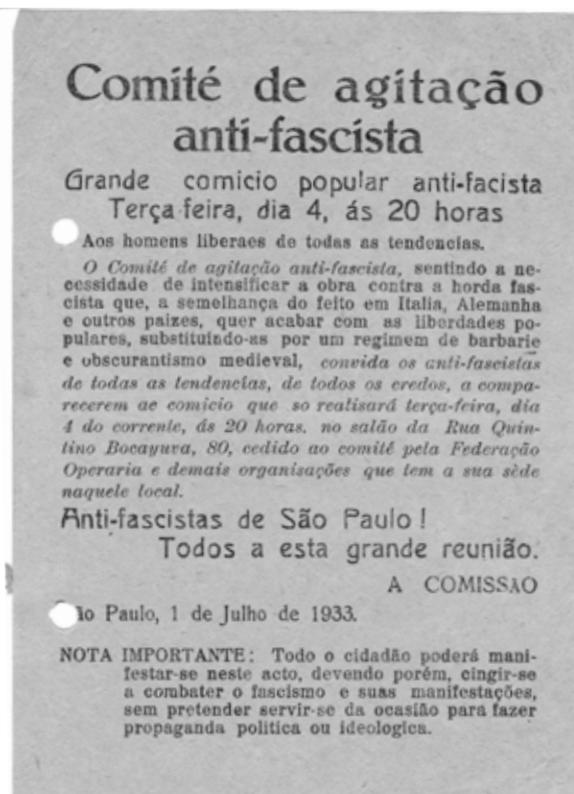
Antigos militantes aferrados à sua convicta proposta política e numa prática de sociabilidade libertária diária, mantida por uma década nas reuniões da Nossa Chácara, veem a oportunidade de reorganizar o movimento em São Paulo. Após uma década de inação, os anarquistas perderam poder de inserção no meio operário não fazendo frente aos sindicatos “ministerialistas” ou aos influenciados pelo PCB. A opção de paulatinamente se apresentar publicamente pela via cultural e pela propaganda foi de imediato proposta, reabrindo seus centros, reestruturando seus grupos de afinidades e lançando sua imprensa. Ao contrário de São Paulo, em outubro de 1945 os companheiros do Rio de Janeiro primeiramente iniciaram a publicação de um jornal, *Remodelação* (o *Ação Direta* apareceria mais tarde, em 1946), e só em 1948 abriam o Centro de Estudos Libertários. Já em São Paulo, inversamente, o CCS apareceu logo em maio de 1945, e só depois começou a publicar novamente a nova fase de *A Plebe* em 1947.

Edgar Rodrigues transcreve a chamada feita por José Oiticica no jornal *Remodelação* em 24 de novembro de 1945:

“Companheiros, para ressurgirmos havemos de reagruparmos. Importa urgentemente reaparecermos nos sindicatos, nas fábricas, nos campos, nos *centros de estudos*, nos nossos periódicos, nos nossos congressos (...)”.

Logo depois descreve o relato do militante paulista Lucca Gabriel:

“(...) os camaradas de São Paulo reiniciaram as atividades após o longo período da ditadura. Diz que numa noite do mês de maio de 1945 vários camaradas anar-



Folheto com chamada para ato antifascista de uma das iniciativas conjuntas. Junho de 1933.



folheto do CCS com convocação para manifestação antifascista em novembro de 1933.

quistas encontravam-se na casa de um companheiro onde costumavam reunir-se semanalmente. Nessa noite foi levantada a ideia da fundação de uma agremiação cultural. Dizendo um dos camaradas que para tanto bastaria recomençar as atividades do antigo Centro de Cultura Social, a ideia foi amplamente aceita. Dessa reunião já saiu uma comissão encarregada de dar os primeiros passos. Uma nota interessante desta reunião foi a de que, no momento exato em que se fazia a coleta de dinheiro para os preparativos do aludido CCS ouve-se o apitar das fábricas, badalar dos sinos de igrejas, grandes ruídos ao longe, como a anunciar o início de uma grande festa. Era a notícia tão esperada, porém falsa, do fim da guerra. Nessa noite inesquecível os camaradas anarquistas participaram da alegria que animou a grande massa da população, acrescida por fazer ressurgir um órgão onde pudessem reencetar suas atividades anárquicas". (RODRIGUES, 1993)

Ato contínuo, enquanto não dispunha de sede para suas atividades, mais uma vez esteve momentaneamente na casa de Pedro Catallo, no bairro do Tatuapé, indo sem demora para um sobrado à rua José Bonifácio, no centro de São Paulo. Mais tarde, em 1961, fixou-se no bairro operário do Brás, à rua Rubino de Oliveira.

Foi possível a ligação entre duas gerações, a da velha guarda e de um número de recém-chegados e vários jovens, dentre eles, Lucca Gabriel, José Oliveira, Liberto Lemos, Maria Valverde, Cecílio Dias, os irmãos Francisco, Antonio, Jaime e Aurora Cubero e muitos outros que, do encontro com Leuenroth, João Rojo, Diamantino, João Navarro, Antonio Martinez, Pedro Catallo, do filósofo e escritor Mário Ferreira dos Santos, e mais outras figuras, forjarão o CCS nos próximos 50 anos, e desempenharão esse mesmo papel de intersecção geracional quando da reabertura em 1985, possibilitando tanto recuperar o passado quanto dar a contiguidade à organização. Esses experientes militantes fomentavam a forma de organização

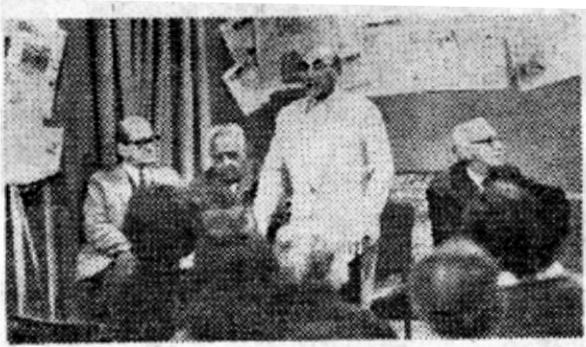
anarquista do grupo específico de afinidades, e o CCS era visto por eles como uma das atividades públicas do movimento que, contudo, acabou desenvolvendo uma prática muito mais abrangente, a ponto de confundir-se por um certo tempo com o próprio movimento local.

Às atividades públicas do CCS desse período confluíam um bom público, segundo Pedro Catallo, sendo o principal obstáculo "a exiguidade de espaço de que dispõe a nossa sede para comportar as pessoas que a procuram. (...) Não faltou o elemento feminino que se mostrou interessado com a nossa obra e bem numerosas são as companheiras que frequentam as nossas seções de propaganda" (RODRIGUES, 1993). Realmente, segundo a contagem de público do serviço reservado da polícia, o público variava entre 70, 80, 100 na sua sala, aumentando nos espaços das atividades da Universidade Presidente Roosevelt, chegando a mais de 600 nos grandes salões, como o do Grêmio Hispano-Americano, e dos Festivais, grandes atividades, com teatro, dança, música, comum por esses tempos. Apesar da vigilância (principalmente entre 1945 e começo de 1950), não houve o interesse de intervenção policial no CCS, pois consideravam as atividades lá exercidas de baixa periculosidade.

Juntamente com a reestruturação do CCS, foi iniciado um processo de reorganização federativa do movimento anarquista sendo fomentada a



Encontro realizado na Nossa Chácara em 1947 no Itaim Paulista. Uma grande parte dos participantes, e suas famílias, participavam ou frequentavam as atividades do CCS.



Os anarquistas abriram a Semana contra Franco e festejaram o aniversário da greve geral de 1917, no Centro de Cultura Social, Rubino de Oliveira 85. Compareceram Edgar Leuenroth, Aristides Lôbo e João Pimenta.

Recorte do *Jornal da Tarde*, 18/07/1967 relatando evento no CCS. Da esquerda para direita Aristides Lobo, João da Costa Pimenta, Pedro Catallo e Edgard Leuenroth.



Folheto com uma das atividades realizadas em conjunto com a Universidade Livre Presidente Roosevelt, 1951.

União Anarquista de São Paulo (UASP), coordenando os esforços dos seus militantes, desenvolvendo atividades libertárias e tendo como órgão de imprensa o periódico *A Plebe*. Paralelamente, foi formada a Juventude Libertária, também sediada no CCS, aglutinando elementos jovens que ali circundavam. Segundo Jaime Cubero, tanto a União Anarquista quanto a Juventude permaneceram ativas praticamente o mesmo tempo que o Centro de Cultura Social. Havia o diálogo entre os demais polos nacionais do anarquismo, sendo essa iniciativa tratada como Movimento Libertário Brasileiro. Em várias correspondências para

outros estados, principalmente Rio de Janeiro, denominavam-se “movimento libertário de São Paulo”, sempre constando o endereço como sendo o do CCS. Nessa linha foram feitos mais de uma dezena de encontros e congressos, nacionais ou Rio-São Paulo, principalmente na Nossa Chácara, de 1948 até metade dos anos 1960.

Logo de início, em 1946, fazendo jus às suas origens, membros do CCS organizaram um ato comemorativo ao 1º de Maio, numa iniciativa de atividade sindical (União Proletária Sindicalista), sem surtir, contudo, impacto nas categorias incursionadas. Sem nunca perder o pendor da organização dos trabalhadores, e continuando alguns militantes atuando junto a seus pares, em 1953, planejaram um agrupamento para coordenar essa iniciativa – o Movimento de Orientação Sindical (MOS) –, com reuniões no CCS. Essa iniciativa contou, além dos anarquistas, com outras correntes do movimento operário: socialistas e trotskistas, como João da Costa Pimenta (ex-anarquista, dissidente do PCB do qual foi um dos fundadores) e Aristides Lobo. Pautavam a ação direta e colocavam-se contra a estrutura sindical e a tutela do Estado, atuando nas assembleias e organizando manifestações em praça pública nas datas importantes. Apesar da iniciativa palpável, não logrou sucesso nas suas propostas, não conseguindo organizar nada além de pequenos grupos de propaganda que atuavam à margem da estrutura dos sindicatos, perdurando, mesmo pequeno, até 1964. Em 1958, o CCS também albergou a curta iniciativa Ação Sindical dos Gráficos, mas sem maiores notas. Uma última visita ao tema sindicalista dar-se-á futuramente, após a reabertura em 1985, em parceria com o núcleo pró-COB, mas sem lograr sucesso.

A tradição do teatro como forma de expressão e propaganda continuou importante e seu grande incentivador dessa época foi Pedro Catallo, um dos últimos representantes do gênero de teatro social e operário do início do século XX, de caráter social, anticlerical, denunciador da opressão das mulheres, da exploração do trabalho, carregado de uma dicotomia simples: dos vilões Estado, Igreja e Patrão contra os heroicos trabalhadores oprimidos. Sempre foi uma importante forma de propaganda do ideário anarquista. Do grupo de teatro formado em 1945 participaram vários desses jovens recém incorporados ao



Grupo Filodramático do CCS: Da esquerda para a direita: Nito Lemos, Cecílio Dias Lopes, Luiz Ochandi, Liberto Salgueiro, Francisco Cubero, Mercedes, Maria Cubero, Dora Salgueiro, Nelson Valverde, Francisca Ochandi, Angelina Valverde, Ermano Mezetti, Dora Dias Valverde, Maria Valverde Silvelo, Anita Rodrigues, Portugal, Jaime Cubero e Pedro Catallo.

**CENTRO**

"Mundo Pedra, Pedro Mando", de Pedro Catallo, é o espetáculo que o Centro de Cultura Social, através do seu Laboratório de Ensaio encenará todos os sábados e domingos, às 20h30, durante o mês de dezembro, em sua sede social à rua Rubino de Oliveira, 85.

Para 1967, o CCS anuncia um festival popular de arte, assim como a fundação da Cooperativa de Teatro e outras atividades.

Objetivando ampliar essas atividades, a atriz Sonia Otálico está montando o Teatro Porão, na praça Roosevelt. Mais informações, fone: 93-5027.

Recorte do jornal *Folha de São Paulo*, 30/11/1966, noticiando apresentação teatral do Laboratório de Ensaio do CCS.

**CENTRO DE CULTURA SOCIAL**  
RUA JOSE BONIFACIO, 387

Sábado — 18 de Outubro — às 20,30 horas

**Grandioso Festival Artístico**

A realizar-se no salão Hispano Americano, R. do Gasometro, 738

**PROGRAMA**

Pelo Grupo Dramático do Centro de Cultura Social será representado pela primeira vez o emocionante drama de fundo crítico e de renovação moral, intitulado:

**"UMA MULHER DIFERENTE"**

Em três atos e quatro quadros. Original de FERDO CATALLO

**Algumas Palavras**

O teatro de literatura estabelece em sua essência a que o teatro que se trata de responder a uma finalidade literária, estética, com conceitos sociais e uma apresentação de análise crítica.

Desde esses tempos, o teatro evoluiu para a representação de ideias, que se encontram aliadas à realidade, à verdade, que lhe dá uma vida própria e original.

De todas as formas que existem, a verdade é, sem dúvida, a mais preciosa, pois ela nos leva a crer, nos dá a luz e nos dá a possibilidade de compreender a realidade e a natureza humana. Daí que, nos grandes dramas, a verdade seja sempre o ponto de partida.

O que pretendemos com este jogo é estabelecer...

Procuramos, que, a medida que nos vamos desenvolvendo em direção a outras e a sua verdade, não deva esquecer-se a seguir, aderir ao seu estado presente.

Desde o primeiro ato de que, na sua forma, forma e conteúdo, consideramos para o público e para os jogadores no jogo na vida social para a conquista dessa vida digna e honesta.

O fato de ser nós, em quaisquer condições, não devemos esquecer.

Esta é a finalidade desta peça.

O AUTOR

**UMA CRIANÇA INDEBILITADA POR TUBER**

Quando alguém se encontra em estado de debilidade, não se trata de uma doença, mas de um estado de saúde, que pode ser corrigido por meio de um tratamento adequado. É importante lembrar que, quando alguém se encontra em estado de debilidade, não se trata de uma doença, mas de um estado de saúde, que pode ser corrigido por meio de um tratamento adequado.

**PERSONAGENS**

MENINO (atrativo)	Zuleide Dias Valverde	TRINHA (pai de Elmo)	Zuleide Maria
RICARDO (ataca tuberculose)	Francisco Salgueiro	GERGÉRIA BUCKA	Zuleide Salgueiro
CELESTINO (sem responsabilidade)	Osvaldo Palazzi	ISA FERREIRA	Maria José Salgueiro
ELENA (responsabilidade de Ricardo)	Luiz Valverde	LY MELISSA	Germano Salgueiro
LEONILDO (responsabilidade de Ricardo)	Osvaldo Palazzi	IN	Alf. Arrêtido
Felipe ANDRÉ	Cecílio Dias Lopes	ENFERMEIRA	Zuleide Salgueiro
VALERIANA (Amante de Ricardo)	Maria Valverde Silvelo	PORTATEIRO	Francisco Salgueiro
	OSVALDO		

REVISÃO - Hermano Mezetti. CONTRA-REVISÃO - Cecílio Dias Lopes e Cecílio Salgueiro.

Direção geral a cargo de EMILIO MARTIN.

De Mônica Martins elaborada a esta peça sob a direção de ALVARO TRIFFINO, no Foco e no Teatro, Estabelecimento Triffino.

**VARIETÉDES**

Nesta noite participando como de coreografia as seguintes grandes músicas: Dora Dias Valverde, Germano Salgueiro, Dora Salgueiro, Maria Cubero, Nelson Valverde, Roberto Triffino, violonista: Manoel Triffino no violão e o acompanhamento orquestral de Jovane Bandeira e Manoel Triffino.

**NÃO HAVERÁ BAILE** (Distribuição interna)

Cartaz de um dos festivais artísticos organizado pelo CCS (1947).

CCS, e apresentaram dezenas de peças em datas significativas, como o 1º de Maio ou o 19 de julho, data comemorativa da Revolução Espanhola, em teatros municipais espalhados pelos bairros, grêmios, ou qualquer outro espaço disponível. Nos anos 1960, alguns de seus membros se profissionalizaram, como Chico Cuberos, e agregaram-se nomes, como o de Waldir Kopesky. A proposta do teatro revigorou-se, alternando modernidade e temática clássica. Em 15 de junho de 1966, formou-se o Laboratório de Ensaio e, em um pequeno auditório de arena para 60 pessoas, na sede do CCS, foram apresentadas diversas peças, divulgadas e resenhadas nos cadernos culturais dos jornais de grande circulação da época. Essa iniciativa perdurou até o fechamento, em 1969.

No período da reorganização houve a confluência de alguns intelectuais que, mesmo não sendo anarquistas, possuíam uma preocupação tanto com a falta de oportunidade de instrução daqueles menos favorecidos, quanto com o aperfeiçoamento dos seus conhecimentos. Desses contatos, em 1946, surgiu a ideia de organizar a Universidade Popular Presidente Roosevelt. Uma universidade livre que possuía seu núcleo organizativo no Centro de Cultura e era regida por um conselho composto por professores, intelectuais e livres pensadores, anarquistas ou não, como Haddock Lobo, Caio Prado Jr., Pérola Byington, Monteiro Lobato, Pedro Catallo, Edgard e Germinal Leuenroth, Oswaldo Salgueiro, Antonio Picarollo etc. Havia cursos de português, sânscrito, matemática, história, educação sexual, literatura, psicologia, sociologia, taquigrafia, alimentação



Exilados espanhóis ouvem a palestra que iniciou a comemoração do levante de 1936 contra o general Franco

Recorte do jornal *O Estado de São Paulo*, 18/07/1967.

natural, história da arte, redação, economia política, biologia e higiene mental, todos elaborados em conjunto com o Centro de Estudos Franco da Rocha. Entre 1946 e 1948, por exemplo, houve a assistência de 7.549 alunos, em 553 aulas de 40 cursos. A iniciativa foi exitosa até sua dissolução, na metade do ano de 1950, por afastamento de alguns de seus promotores. No mais, não foram feitos maiores contatos no mundo universitário, não havendo envolvimento nas agitações estudantis do período.

Também houve uma participação importante no CCS da colônia espanhola que aqui estava aumentada pelo afluxo de um grande número de exilados espanhóis com o fim da Guerra Civil Espanhola, como Diego Gimenez, Félix Gil, Puig Elias, entre outros, além de ex-combatentes como o italiano Carlo Aldegheri. Policiais infiltrados nas atividades do CCS confundiam em seus relatórios essa numerosa afluência e chegaram a registrar em 1948 que o “Centro de Cultura Social é, na sua maior parte, constituído de espanhóis anarquistas. Alguns são clandestinos.” Formaram um núcleo da CNT no exílio, reunindo-se no CCS, o qual decidiram dissolver quando ocorreu o golpe militar de 1964 e muitos voltaram para a Espanha. Além disso, principalmente nas décadas de 1940 e 1950, ainda



Manuel Fernandez, Carlo Aldegheri, Breno di Grado, Luis Brillas, e outros. Em frente à sede do CCS à rua Rubino de Oliveira, num encontro da Comissão de Relações da CNT\_AIT no exílio em 1961.

havia a relação com algumas entidades da comunidade espanhola, como o Centro Democrático Espanhol, Assistencia Medico Benefica Española, Grêmio Hispanoamericano, com algumas atividades culturais realizadas em conjunto. Manteve-se também, durante os anos 1950, contato com a Solidariedade Internacional Antifascista (SIA), que visava principalmente a solidariedade a perseguidos políticos de outros países e que ensejaram ações em comum, troca de correspondência, participações nos congressos e divulgação na imprensa anarquista por meio dos jornais *Ação Direta* e *A Plebe*.

As iniciativas do CCS e do jornal *A Plebe*, que no início eram visivelmente convergentes, posteriormente se interiorizaram, sendo o endereço da redação o mesmo do CCS a partir de 1951. As-



Cristovão Alba, Pedro Catallo, Juan Navarro, Edgard Leuenroth, Diamantino Augusto, Walter Cianchi, —, Nicola D’Albenzio, Manoel Perdigão; alguns membros do CCS, no Congresso Anarquista de 1954 na Nossa Chácara.

sim também ocorreu com as demais publicações posteriores, *O Libertário* (1960–1964), *Dealbar* (1964–1968), além do *Ação Sindical* (1958), que também tiveram a suas redações nos endereços do CCS, às ruas José Bonifácio ou Rubino de Oliveira.

Com o golpe de 1964 houve uma retração no movimento. Embora não tenha havido prisões de imediato, preferiu-se a discrição. De início, numa forma de despiste, trocou-se o nome do jornal porta-voz do movimento de *O Libertário* para *Dealbar*. Mesmo sendo precavidos, quando em 1969 a repressão invade o Centro de Estudos Professor José Oiticica (CEPJO) no Rio de Janeiro, prendendo pessoas e inviabilizando a manutenção de sua sede, os companheiros de São Paulo veem que não há mais segurança para continuar, pois poderiam ser os próximos. Então, forjou-se um alibi. Aproveitando uma negociação corriqueira de aumento de aluguel abriram mão da sala, transferiram os arquivos e fizeram publicar em jornal de grande circulação, entre 29 e 31 de janeiro de 1969, que livros documentais e atas teriam sido extraviados. Desfazendo-se assim dos vestígios, iniciou-se 15 anos de prontidão.

Somam-se a esse quadro de desolação os falecimentos em 1968 e 1969, de Edgard Leuenroth e Pedro Catalo, dois dos grandes nomes da história do CCS e do movimento anarquista, além de Mario Ferreira dos Santos.

Mesmo após o fechamento, os militantes do CCS e do movimento anarquista paulista reuniram-se clandestinamente durante os anos 1970 na Nossa Chácara (que em 1965 saiu do Itaim Paulista para um sítio na cidade de Mogi das Cruzes, região metropolitana de São Paulo), bem como em reuniões clandestinas na sapataria dos irmãos Jaime e Francisco Cubero, que chegou a ser ponto de encontro e reuniões dos anarquistas por bastante tempo.

Mesmo ressabiados, há o início de relaxamento daquele período de maior repressão, com os indícios de abertura do governo Geisel. Em 1977 é lançado em Salvador o jornal *O Inimigo do Rei*, por um grupo de jovens estudantes da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que posteriormente terá apoio desse núcleo de São Paulo. Acompanhando a reabertura política e a reorganização do movimento anarquista que estava sendo gestada em vários estados, após encontros mais

FOLHA DE S. PAULO

# Os anarquistas

Da Reportagem Local

Se a utopia de hoje é a realidade de amanhã, como defendem os anarquistas, há bons motivos para que o Centro Cultural Social —um dos raros redutos anarquistas que sobreviveram às últimas duas décadas— possa sonhar, ainda, com a volta dos velhos tempos, em que libertários como Edgard Leuenroth (1881-1968) e Praetativo Raimundo Soares (1871-1947) agitavam a bandeira negra do movimento.

Reinaugurado há quase um ano, em abril de 1985, o CCS, instalado em duas modestas salas de um prédio do antigo bairro operário da zona leste de São Paulo, no Brás, reinicia, agora, seus contatos internacionais. "Tudo para reestabelecer o sentimento de solidariedade entre os trabalhadores do mundo", como justifica o secretário-geral do Centro, Jaime Cubero, 58, sapateiro de profissão.

## Intelectuais

Animado com a reabertura do CCS, o anarco-sindicalista espanhol Manuel Olmedo Domillero, do secretariado geral da AIT (Associação Internacional de Trabalhadores) que, em suas origens, congregava o que Lauenroth chamava de "estadistas autoritários" (marxistas) e "antiautoritários contrários ao Estado" (anarquistas) — veio a São Paulo, para saber como funciona esse pequeno Centro, com pouco mais de sessenta filiados.

Desnecessário dizer que o secretário da AIT não viu, aqui, a agitação necessária para um "putsch" anarquista ao estilo do início do século, quando operários promoviam greves e produziam suas peças teatrais para o lazer, aliás o ponto de partida para a criação do CCS, em 1933, época em que os autores como o sapateiro autodidata Pedro Catalo (1900-1969) faziam o maior sucesso com peças como "A Insensata", "A Madrid" e "Uma Mulher Diferente".

Nos anos 30, peças escritas por serem normalmente encenadas no teatro Colombo, inaugurado em 1903 e demolido após um incêndio na década de 60. Os jornais, na época, criticavam o fato de a municipalidade ceder o luxuoso teatro, localizado na avenida Rangel Pestana (zona Leste de São Paulo), a operários. Os CCS funcionava como um centro aglutinador de talentos e local de conferências de anarquistas célebres como José Oiticica (autor de "A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos") e o próprio Lauenroth, que chegou a fazer palestras para os operários do Brás.

## Anarquistas conservadores

Hoje, o CCS —localizado na mesma rua de origem e no mesmo prédio (rua Rubino de Oliveira, 85)— ainda pretende manter o mesmo espírito, mas os tempos são outros. "Não posso dizer que o Centro é anarquista, porque existem associados que não estão ligados ao movimento, apenas colaboram dando cursos, fazendo palestras, enfim, comparecendo às nossas reuniões", diz o secretário-geral, Jaime Cubero.



O Centro Cultural Social



Jaime Cuberos, sapateiro de pro

Entre os nomes que participaram das conferências, estão figuras respeitadas no meio universitário, como o professor Maurício Tragtemberg (que fez uma palestra sobre a Revolução Russa), a socióloga Lúcia Barreto Bruno, da PUC, ou Miriam Moreira Leite, historiadora da USP. Desde a reinauguração, poucos operários aparecem, "mas posso garantir que todos eles têm o maior interesse pelo movimento operário", diz Cubero.

Os dezessete anos em que o CCS esteve fechado —de 1968 a 1985—

Terça-feira, 11 de fevereiro de 1986 — ILUSTRADA — 25

# saem do limbo

Mário Leite



CCS), reduto dos anarquistas, ocupa duas salas deste prédio, no Brás



Mário Leite

que participaram das reuniões prévias para a reabertura do Centro.

## Quase tudo

"Não sei, eles vinham com umas idéias malucas ligadas à sexualidade e outros temas, quando nos reuníamos na sede da UBE (União Brasileira de Escritores), antes de reabrirmos o Centro". Convém lembrar que, mesmo na década de 60, segundo frequentadores do CCS, a corrente dos individualistas não era bem vista pelos anarco-sindicalistas.

O poeta Roberto Piva, 47, era um dos frequentadores inseridos na primeira categoria. Ele lembra que, por volta de 1962 ou 1963, tomava o bonde e comparecia às conferências junto de amigos como o poeta Roberto Bicelli. "O panorama cultural de São Paulo, na época, era dominado pelo Partidão (PCB) e o grupo anarquista do CCS era uma clareira para o debate de idéias, extraordinariamente arejado, onde se podia discutir tudo, ou quase tudo".

O "quase tudo" fica por conta do que Piva classifica de "ranço moralista do velho anarquismo". Ele conta que, certa vez, sugeriu uma conferência sobre o tema homossexualidade e, indignado, um velho anarquista do Centro levantou-se e disse: "Isso é contra os nossos princípios". Entretanto, o secretário-geral, Cubero, afirma que inexistem, hoje, temas considerados como um tabu. "Fomos os primeiros a falar de feminismo, de amor livre e, para mim, o anarquismo, apesar das diferenças, continuando sendo, fundamentalmente, uma atitude ética em face da injustiça e um movimento contra o Estado".

contribuíram, ao que parece, para uma mudança radical no perfil dos anarquistas paulistanos. Cubero revela que ainda colaboram com o centro os remanescentes do movimento anarco-sindicalista do início do século — como o chofer de táxi Antonio Padilha, o vigia Antonio Ruiz — ou heróis da resistência fascista na Espanha franquista, como o italiano Carlos Aldeghieri. "Mas a maioria dos frequentadores é formada por gente jovem", diz, não escondendo sua desaprovação à corrente dos anarquistas -individualistas

amplos e algum debate, os antigos e novos militantes de São Paulo reabrem o CCS.

Tal qual em 1945, a intersecção geracional mostrou-se importante. Com Jaime Cubero à frente, os companheiros que haviam estado em modo de espera durante 1970 e início de 1980 viram a necessidade de se reestruturarem. A abertura de um espaço que fosse tanto a "cara pública" do movimento quanto um polo irradiador do ideário anarquista e um aglutinador dos anarquistas e simpatizantes que circulavam nas proximidades foi novamente a ideia mais propícia. E o Centro de Cultura Social, que ainda estava latente passados 15 anos, foi a proposta óbvia para o momento. Tendo iniciadas movimentações quanto à viabilidade, em janeiro de 1984, num domingo em 14 de abril de 1985 o CCS reabre as portas, no mesmo endereço à rua Rubino de Oliveira nº 85. De novo organizado como uma associação libertária, de administração horizontal e de instância decisória focada nas assembleias de seus associados.

O afluxo de uma juventude contestadora, muitos oriundos do movimento punk, contrastava por vezes com aqueles militantes antigos, forjados num anarquismo clássico que estava se abrindo para novas formas de expressão e organização. O movimento sindical em 1980 era embalado pelo surgimento da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e do Partido dos Trabalhadores (PT), estando além da capacidade organizativa dos anarquistas, embora estes ainda mantivessem a discussão do sindicalismo como tema central. Aziz Simão nota que o ressurgimento do anarquismo não se devia à "existência de uma população economicamente periférica, pois esta não é a sua provedora. Até agora tem-se abastecido, predominantemente em círculos de nível universitário" (SIMÃO, 1989).

Também nesse momento de reabertura houve aproximação de diversos acadêmicos como Mauricio Tragtenberg, Edson Passetti, Evaldo Vieira, Margareth Rago, Doris Accioly, Lucia Bruno, Cristina Lopreato, Raquel Azevedo, Marinice Fortunato, Sérgio Norte, Jacy Seixas, entre muitos outros, que colaboraram com o CCS, em sua condução ou provendo de uma razoável produção de pesquisas, recontando com uma nova leitura a versão da historiografia oficial sobre a suposta morte prematura do anarquismo, retirando-o do começo do século e colocando-o vivo dentre os



Cartaz de curso livre sobre anarquismo com o apoio do CCS em 1986.

agentes contemporâneos. Também fica mais comum a publicação de obras de temática anarquista, seja pelas editoras LP&M e Brasiliense, mas principalmente pelas editoras anarquistas, como a Editora “A”, Novos Tempos/Imaginário, e, posteriormente, a editora Achiamé. Durante a década de 1990 também houve trabalhos profícuos com o projeto da SOMA de Roberto Freire.

Sendo um lugar de debates, palestras e ponto de encontros de todo tipo de pessoa pendida ao pensamento libertário, o CCS nos primeiros anos terá o mesmo papel que antes — o de ser um aglutinador do movimento anarquista em São Paulo — e, pela sua abrangência, às vezes sendo lembrado como referência. Mas felizmente esse lapso dura pouco. Com o movimento anarquista no Brasil crescendo, ficando mais diverso e disperso no país (não somente no eixo das capitais do Sudeste) e ganhando outras formas de abordagem que não aquele anarquismo clássico praticado há 60 anos pelos antigos militantes, o CCS, mesmo tendo sido um catalisador nos primeiros anos após a sua reabertura, logo se desvinculou desse papel.

Já nos anos 1990, trabalha com diversos outros agrupamentos, participando junto com outros grupos de várias tendências de várias ações e manifestações. Exemplo são os debates sobre organização anarquista e propostas federativas, iniciados nas ocasiões de grandes encontros, como o evento Outros 500, realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em 1992, — que resultou na curta experiência do Núcleo de Ação e Propaganda de São Paulo —, Encontro Internacional de Cultura Libertária (na Universidade Federal de Santa Catarina — UFSC, em 2000) e da Feira Anarquista de São Paulo (organizadas inicialmente pela Biblioteca Terra Livre — BTL). No ano de 1998 é formado o grupo teatral *06 de Abril* que funcionou até aproximadamente 2008, com várias leituras dramáticas executadas. A partir de 2012, se envolve nas discussões organizativas e posteriormente inicia uma proposta nesse sentido, com o Núcleo de Estudos Libertários Carlo Aldegheri (NELCA), BTL e Ativismo ABC.

Em 2007, após 74 anos de andanças pelo centro de São Paulo e os bairros do Brás, Belém, Belenzinho, Mooca, Santa Cruz e Vila Buarque, o CCS consegue se fixar em uma sede própria na rua General Jardim, 253. Fruto de uma exitosa campanha de arrecadação de fundos que contou com a ajuda dos companheiros da Nossa Chácara



Banca do CCS de venda de livros anarquistas com Antonio Martinez (Martins) à frente, em 1992.



Jaime Cubero em mesa de 28/08/1992 no Encontro *Outros 500*, na PUC/SP. A esquerda da foto: Pietro Ferrua (Itália), Marianne Enckell (Suíça), e a direita, Margareth Rago (Brasil) e Edgar De Decca (Brasil).

e outras e dezenas de simpatizantes e companheiros de São Paulo, demais regiões do Brasil, Itália, França e Portugal. O fato de ter um local fixo e aberto sempre caracterizou o CCS como um espaço de trânsito e encontros do movimento libertário, principalmente em São Paulo. Não só isso, mas acima de tudo, espaço de resistência. Espaço de preservação de memória e também de renovação. Espaço de descobertas de novas formas de ação. Com as diferentes gerações, vindas de épocas, experiências e visões de mundo diferentes, se contactando nos períodos de reaberturas, dava-se aí a troca das ideias e a continuidade dessa proposta, mudando sempre, mas mantendo o cerne de sua finalidade.



Roberto Freire, Chico Cuberos, Jaime Cubero, Diego Gimenez, José Carlos Morel, Paulo Henrique e Sergio Norte, membros do CCS em atividade em sua sede à rua dos Trilhos, Moóca, em 1997.

## REFERÊNCIAS

Acervo do Centro de Cultura Social.

Acervo do Círculo Alfa de Estudos Históricos.

AVELINO, Nildo. *Anarquistas: ética e antologia de existência*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004.

AZEVEDO, Raquel de. *A resistência anarquista: uma questão de identidade (1927–1937)*. São Paulo: IOESP, 2002.

BONOMO, Alex Buzeli. *O anarquismo em São Paulo: as razões do declínio*. São Paulo Francisco Ascaso, 2016.

BORGES, Paulo E. B. *Jaime Cubero e o movimento anarquista em São Paulo: 1945–1954*. São Paulo: Dissertação de mestrado em Ciências Sociais — PUC/SP, 1996.



Inauguração da sala da rua Inácio de Araújo, no Belenzinho (Bresser) em 2006. Alguns de seus antigos e novos membros: Virgílio Dall'Oca, Edgar Rodrigues, Manuel Ramos e, Chico Cuberos. Atrás, Nildo Avelino e Marcolino Jeremias,

CENTRO DE CULTURA SOCIAL. *O Centro de Cultura Social de São Paulo*. Trabalho apresentado ao 10º Encontro Libertário realizado em São Paulo, nos dias 15 16 e 17 de fevereiro de 1964. Datilografado.

Centro de Cultura Social. *A Plebe* nº2, 15/06/1947.

CUBERO, Jaime. *Jaime Cubero: seleção de textos e entrevistas*. São Paulo: Centro de Cultura Social, 2015.

GERALDO, Endrica. *Práticas libertárias do Centro de Cultura Social anarquista de São Paulo (1933–1935 e 1947–1951)*. Cadernos AEL, Campinas, 8/9, p.165–192, 1998.

NASCIMENTO, Luiz Carlos Miranda. *Memória, anarco-sindicalistas e espaço público*. Projeto de pesquisa para doutorado em História à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 1995. (não publicado)

PARRA, Lúcia Silva. *Leituras libertárias: cultura anarquista na São Paulo dos anos 1930*. São Paulo: Centro de Cultura Social, 2017.

Prontuário 1914 — Centro de Cultura Social. DEOPS/AESP.

Prontuário 716 — Federação Operária de São Paulo. DEOPS/AESP.

RODRIGUES, Edgar. *A Nova Aurora Libertária*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1993. pp.161–162.

SILVA, Rafael Viana da. *Elementos inflamáveis: organizações e militância anarquista no Rio de Janeiro e São Paulo (1945–1964)*. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

SIMÃO, Azis. *Sindicato e Estado*. São Paulo: Ática, 1981.

—, *Os anarquistas: duas gerações distanciad*, in *Tempo Social*, Revista Sociologia — USP nº1, 1º semestre 1989, pp.57–69.

# AS MORAIS DAS HISTÓRIAS DO CCS E DO ANTIFASCISMO CONTADAS JUNTAS

Guilherme Falleiros <sup>1</sup>

Em seus 90 anos, o Centro de Cultura Social apresenta um percurso de ação, reflexão e relação com a luta antifascista, trazendo contribuições anarquistas para a definição do fascismo e a produção de seus combates. Abordarei alguns pontos dessa história, apresentando essas contribuições entremeadas de referências temporais, tomando a liberdade para tirar algumas conclusões.

O antifascismo retomou atenção especial dos eventos no CCS no século XXI com a aquisição, graças a ajuda de anarquistas do Brasil e do mundo, da sede própria na R. General Jardim em 2007. Em Março daquele ano, foram promovidos aqui os debates “Punks e a Luta Anti-Fascista”, com o Movimento Anarcopunk, além de “Lesbianismo e Antifascismo”, com o Grupo de Jovens Lésbicas e, alguns meses depois, outro sobre “A Mentalidade Fascista na Atualidade”. Em junho de 2010 foi dada a oficina libertária sobre Errico Malatesta, Michel Foucault e o fascismo. Uma série de outras atividades sobre o tema seria realizada neste “novo” local até os dias de hoje, além da publicação de livros abordando direta ou indiretamente o assunto. Tomarei como fio condutor argumentos presentes numa dessas publicações do CCS, de 2015: a seleção de textos e entrevistas de Jaime Cubero, um porta-voz do Centro de Cultura Social desde sua reabertura (ou saída da clandestinidade) com o fim do regime militar no Brasil. O antifascismo foi tema recorrente dessas palestras que dava fora do CCS, especialmente sobre a origem comum do Centro de Cultura e das batalhas contra o fascismo em São Paulo e no Brasil.

Nelas, Jaime Cubero caracterizava o totalitarismo, base do fascismo, como a definição de uma doutrina política correta que se torna a “única certa e eficaz” e que combate com violência qualquer oposição a si. Dá como exemplos tanto o “nacional-socialismo” quanto o “nacional-bolchevismo”. Nos dias de hoje, em que o negacionismo

se tornou cripto-moeda corrente e muitos confundem MBL (Movimento Brasil Livre, precursor do bolsonarismo depois das Jornadas de Junho de 2013) com MPL (Movimento Passe Livre, precursor das Jornadas de Junho, antes dos movimentos populares serem tomados pelas forças da reação do MBL e similares), é preciso contextualizar a análise. Um dos motivos do nazismo não ser de esquerda está no nacionalismo, diferente das correntes socialistas — tanto a anarquista quanto boa parte do discurso marxista — que defendem o internacionalismo como prática revolucionária ou de resistência. Para o anarquismo, a solidariedade e a igualdade encontram barreiras nas fronteiras soberanas dos Estados-Nação. Sem a virada nacionalista dada por Mussolini às pulsões violentas das teorias revolucionárias de sua época (como argumenta Luiz Gonçalves da Silva em tese recente), o fascismo não teria se tornado a “contra-revolução preventiva” denunciada por Luce Fabbrì. Ao invés de revolução em defesa do proletariado de todas as nações, guerra em defesa da Itália. O problema maior não se trata de ser de esquerda ou de direita, mas do autoritarismo extremo. Se o “nacionalismo exacerbado” compõe o fascismo, para Cubero o “totalitarismo” está na essência ou na consequência da luta pela concentração de autoridade.

Ora, o termo “totalitarismo” foi cunhado pelo próprio Mussolini — sei disso graças a um outro livro lançado pelo “novo” CCS, a republicação, em 2021, de *Clero e Fascismo* da anarquista Maria Lacerda de Moura. O termo confirma a ideia foucaultiana de que o fascismo leva ao extremo características já presentes em outras formas políticas.

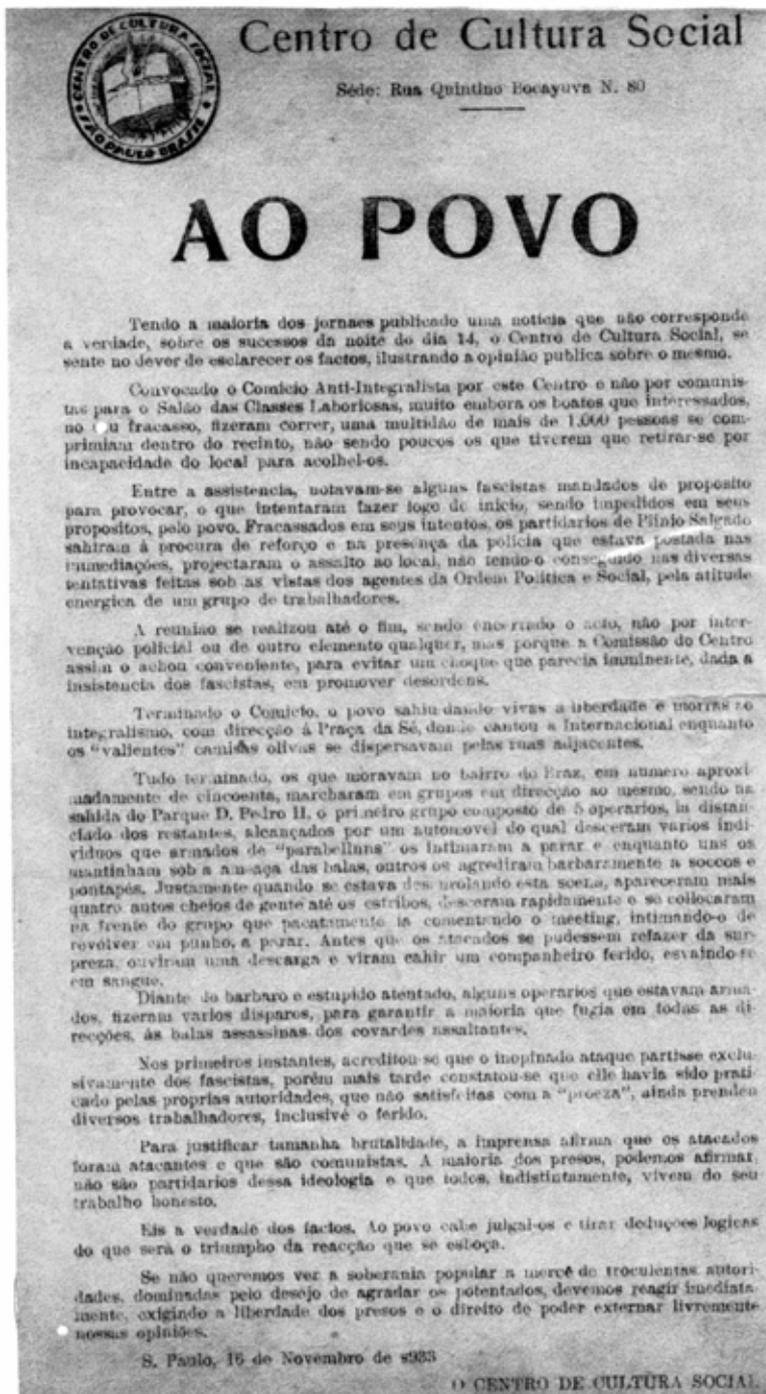
Lacerda de Moura, como recordava Cubero, consta como a primeira antifa brasileira, tendo desencadeado a ação antifascista nestas terras a partir de 1928. Muito próxima do movimento anarquista de São Paulo, deu uma palestra no Salão da Federação Espanhola em 1933 contra

<sup>1</sup> Antropólogo, membro do Centro de Cultura Social.

os “horrores da guerra”, seguida de uma apresentação do grupo “Teatro Social”. Bem mais amplo que o endereço do CCS na R. Quintino Bocaiuva, o salão atingiu lotação máxima, como noticiou o jornal *A Plebe*. Em 1938, no ano seguinte ao fechamento do CCS pela ditadura de Getúlio Vargas, Lacerda de Moura publicaria *Clero e Fascismo - Horda de Embrutecehores!*

A obra expõe elementos fundamentais do fascismo: a influência da literatura nacionalista, imperialista e sádica em voga na Itália da época; a ênfase na guerra, no militarismo e no ódio ao inimigo; Mussolini como “agente provocador” e figura messiânica que arrebatava as massas; a hierarquização da sociedade começando desde a escola infantil e; enfim, seu fundamento machista, concebendo a mulher como objeto de controle e meio de produção de pessoas, afinando-se assim às aspirações da Igreja Católica e de olho no crescimento populacional (“carne para canhões”). Estão presentes aí os elementos do que Foucault chamaria de biopolítica.

Se Malatesta notava que o fascismo se aproveitou de características conservadoras de certos sindicatos — como o machismo, marca da divisão entre trabalho doméstico e trabalho fabril, ou a burocratização, com seus cargos e hierarquias — Lacerda de Moura mostra como o fascismo exacerbou questões que ultrapassam o elemento sindical. Além da conhecida semelhança entre a apropriação estatal do sindicalismo feita por Getúlio Vargas e aquela feita por Mussolini, Lacerda de Moura, oportuna, revelava ao público brasileiro detalhes do Catecismo Balilla, voltado para as milícias fascistas infantis, bem no ano seguinte à publicação, em 1937, do Catecismo Cívico do Brasil Novo varguista. “Catecismos”: fundamentos pastorais e doutrinários de ambos os regimes que, menos do que extintos, seguem à espreita.



Manifesto antifascista do CCS de novembro de 1934.

Ler em 2021 sobre o papel fascista da dominação de gênero e da militarização da educação só ressaltou a semelhança do governo brasileiro daquele ano com o de Mussolini. Deixou ainda muito a se pensar sobre o que moveria os ataques violentos nazistas e masculinistas às escolas brasileiras nos anos seguintes, cujas principais vítimas fatais são mulheres e crianças, como tem sido debatido pelas publicações de Fhoutine Marie, da Coletiva Anarcofeminista Insubmissas (CAFI).

A resposta anarquista ao fascismo em terras brasileiras teve suas características básicas concebidas pela movimentação que culminaria na Batalha da Praça da Sé, em 7 de Outubro de 1934, vitória tática contra o Integralismo — este que foi uma das versões brasileiras das milícias seguidoras do lema “Deus, Pátria e Família”. Um ano antes, pouco depois de ser inaugurado, o CCS tinha organizado no Salão da União das Classes Laboriosas a Conferência Anti-Integralista, reunindo um milhar de atendentes e fomentando o confronto que viria a seguir. Como dizia Cubero, o combate armado promovido por anarquistas contra a “marcha sobre São Paulo” (versão integralista da “Marcha sobre Roma” de Mussolini) foi o responsável pela famosa “revoada dos galinhas verdes”. A base organizacional para isso veio do federalismo anarquista, como a recusa de uma “frente única de fachada” (que tinha sido formada por grupos mais preocupados com eleições do que com ação direta) e a defesa da “delegação” e da “autonomia das facções”, reunidas para ações específicas. A estrutura federativa da Federação Operária de São Paulo (FOSP), sediada no mesmo primeiro endereço do CCS, bem como sua força social, foram fundamentais para este modelo de sucesso, mas a FOSP seria fechada logo em seguida pela polícia.

O CCS retornaria após a queda do regime varguista em 1945. Na sua segunda fase, entre os anos 40 e 60, com destaque para o teatro social, deparou-se com uma nova versão do totalitarismo. Segundo Cubero, esse teatro foi uma “resistência anarquista contra a ditadura na própria ditadura” até o famigerado AI5 de 1969. Mais uma vez a arte cênica popular confrontava um momento “fascistizante” no Brasil, para usar um termo de Lacerda de Moura.

A maior parte do argumento acima vem da fala de Cubero sobre a história antifascista do CCS numa conferência na Faculdade de Direito da USP nos anos 80. Nesta época de sua segunda reabertura, o Centro de Cultura passaria a ser agitado por uma grande quantidade de punks, envolvidos a seu modo na luta antifascista e em conflitos de rua. Essa nova força social combativa confrontaria integralistas ressurgentes mais uma vez na Praça da Sé, ainda que em menor escala e sem participação direta documentada do CCS, conforme lembra o militante Antônio Carlos Oliveira:

Nos idos dos anos de 86 até meados dos 90, vários grupos, inclusive o Coletivo Libertário, realizavam uma série de ações contra a violência policial, a guerra nuclear, etc. Com parte dos carecas [skinheads] se assumindo nazi, começou a rolar cada vez mais tretas com os punks, até os confrontos do início dos anos 90 na Praça da Sé com os integralistas e os nazi.

Outro militante, Marcolino Jeremias, ao recordar de diversas atividades conjuntas entre anarcopunks da cidade de São Paulo e da Baixada Santista em parceria com o CCS, notou, saudosos:

A primeira vez em que vi o Jaime falando foi num evento antifascista em Santos, ‘Fascismo, Nazismo, Nunca Mais’, teve uma fala de um companheiro da UNEGRO e também do Jaime Cubero sobre a Batalha da Praça da Sé. Foi em 94 ou 95.

Assim, a presença do Movimento Anarcopunk trazendo o debate anti-fascista para a atual sede do CCS em 2007 é fruto de uma relação estabelecida nas décadas anteriores, bem como de uma tradição bem mais antiga. O CCS fez jus a esta tradição trazendo mais atividades, cursos, estudos e publicações sobre o assunto. Em fevereiro de 2018 realizou uma roda de conversa sobre o “Crescimento do Fascismo e Ideologias de Direita na Atualidade” dentro da 18ª Jornada Antifascista, organizada pela Comuna Anarco-Punk Aurora Negra. Em março de 2019, houve o debate “O anarquismo transnacional contra o fascismo de ontem e de hoje” com Federico Ferretti e, em agosto, o lançamento do livro *Fascismo: definição e história*, de Luce Fabbri, apresentado por Cibele Troyano, Dario Marronche, Elena Schembri, Fernanda Grigolin, Laura Dviba, Margarete Rago e Thiago Lemos.

Antifascistas também estiveram presentes em outros eventos promovidos pelo CCS fora de casa, como a Feira Anarquista de São Paulo. Em 2018, inclusive, um confronto entre dois grupos formados por antifascistas e feministas prometia irromper durante a feira, mas acabou sendo mediado e apaziguado por companheiras membros de outros coletivos da organização da feira naquele ano (o Ativismo ABC, da Casa da Lagartixa Preta, e o Núcleo de Estudos Libertários Carlo

Aldegheri).

Em 2020, com a pandemia, o CCS passaria a promover encontros online, marcando presença antifascista em “lives” com Mark Bray (“Fascismo, Antifascismo e Valores Tradicionais”) e com o coletivo Crimethinc (“Anarquismo, Fascismo e as Revoltas Pré-Eleições nos EUA”).

Com o final do isolamento pandêmico e a retomada das atividades presenciais no CCS, eu mesmo ministrei aqui o curso livre e gratuito “Perspectiva Antropológica Antifascista” que retomou momentos desta história. Foi parte das atividades da Brigada Antifascista Lucas Eduardo Martins dos Santos: a brigada tinha realizado, no ano anterior, a formação técnica de uma brigada indígena de combate a incêndio florestal com equipamentos não-indígenas, aprendendo por sua vez algumas técnicas da tradição xavante de manejo do fogo. A ideia do curso de antropologia antifascista, realizado simultaneamente no Centro de Cultura Social de São Paulo e noutro centro social nascente naquele momento (CCS Vira-Lata Caramelo, apoiado pela Brigada Lucas Eduardo) foi promover o diálogo entre anarquismo, antropologia, pensamentos e práticas ameríndias e o antifascismo. Diversas referências publicadas e debatidas pelo CCS, como Malatesta, Maria Lacerda de Moura, Luce Fabbri, Michel Foucault, Jaime Cubero, Mark Bray etc., se somaram a reflexões trazidas de perspectivas ameríndias, especialmente seus elementos (con)federalistas e dialéticos. Foi observado que o nazismo expôs o cerne do fascismo: a concepção de política baseada na dicotomia amigo/inimigo formulada por Carl Schmitt — nazista e seguidor de Mussolini — tão em voga hoje em dia até mesmo em análises e atitudes de esquerda. Tentei mostrar que as propostas de fragmentação da autoridade feitas tanto por Proudhon quanto pelas formas políticas e filosóficas dos povos ameríndios tinham muito a contribuir contra essa formulação. Não por acaso, o próprio fascismo inspirou-se nas maneiras pelas quais as colônias americanas — como os EUA — segregavam e chacinavam indígenas e outras populações racializadas, conforme o antropólogo antifascista Vicente Cretton, lido no curso.

O federalismo anarquista presente nos primórdios do antifascismo em São Paulo, baseado na “autonomia das facções”, teve como força o movimento sindical. Algum federalismo também

atravessou o movimento punk dos anos 80 e 90, com suas “gangues” independentes e mesmo organizações mais formalizadas como o Movimento Anarcopunk. O século XXI, especialmente sua segunda década, viu a retomada da relação entre anarquistas e futebol e o surgimento de times e torcidas antifascistas por todo o mundo, como mostrado no curso em referência à pesquisa de outro antropólogo antifa, Rafael Piva, membro do coletivo Boxe Autônomo.

A marcha antifascista contra uma manifestação nacionalista na Avenida Paulista (São Paulo) em junho de 2020, promovida pela conjunção de torcidas antifas dos grandes times de futebol, nova força social de resistência, foi um marco do combate ao bolsonarismo. Ainda que não fossem anarquistas, a diversidade e ausência de unidade entre os grupos — que conseguiram superar minimamente a relação “amigo/inimigo” entre torcidas na realização desta tarefa tática — apresenta uma estrutura cabalmente anárquica. Mesmo distante do futebol no período, o CCS conseguiu ao menos promover uma reflexão sobre isso, além de abrir suas portas para uma brigada antifascista que combateu diretamente, em parceria com os indígenas Xavante, as consequências do bolsonarismo no campo.

Hoje, em 2023, a história segue mostrando que o fascismo não se vence nas urnas, tendo retornado com força no Brasil após a eleição presidencial do candidato de centro, seja na tentativa de golpe e tomada da Praça dos Três Poderes, imitando a manobra de invasão do Capitólio feita dois anos antes nos EUA (antevista pelo debate online feito pelo CCS com o Crimethinc), seja nos ataques violentos às escolas brasileiras, que dobraram no último ano. O fascismo é resultado de condições estruturais da dominação, como o machismo, o racismo e o desejo de poder. Como dizia Proudhon depois de sua desilusão parlamentar, a própria democracia eleitoral, majoritária, é uma forma bastante restrita de dar a um “idiota” o direito de decidir sobre nossas vidas e nossas mortes: biopolítica, necropolítica, fascismo envergonhado. Se a democracia não pode nos oferecer a melhor forma de combate ao fascismo, resta seguirmos estudando, praticando e difundindo o anti-fascismo de outras maneiras: esta é uma das missões do Centro de Cultura Social para além de seus 90 anos de vida.



# DEPOIMENTOS

*Aos 90 anos do centro de cultura social...*

O Centro de Cultura Social vive há 90 anos e desta vida participei e participo. Criado em 14 de fevereiro de 1933, em plena comoção da enganosa revolução de 1930 e do início da ditadura de Getúlio Vargas, o Centro tem representado a longa tradição anarquista baseada na Primeira Associação Internacional dos Trabalhadores de 1864, em Londres, expressando os ideais e as posições de P.J.Proudhon, M. Bakunin P. Kropotkin, E. Reclus, E. Malatesta, Voline, N. Maknó, e outros do presente, como Edgar Rodrigues, dentre outros.

O anarco-sindicalismo, à frente das lutas e reivindicações operárias, trouxe o anticlericalismo, o antimilitarismo e a neutralidade sindical, lutando pela essência do sindicalismo revolucionário: a auto-organização e a ação direta do operário.

Durante a realização da Faculdade de Direito da PUCSP, da Escola de Sociologia de São Paulo e do Curso de Letras Vernáculas, minhas leituras encaminharam-me àquilo que depois vim a denominar Anarquismo e, melhor, Socialismo Libertário. Digo: minhas leituras e a observação da realidade brasileira, porque no país, uma vez mais, conviviam a miséria, a repressão e a tortura na sociedade, e ainda dentro e fora da Universidade. Assisti na USP a um General questionar um policial na porta da sala de aula de filosofia, afirmando-lhe que o seu lugar não era ali.

Meditando acerca de um

escrito de Leon Tolstói, ditado pelo mujique russo, Bondarev, intitulado *O Trabalho*, conclui que somente as coletividades tinham condição de conduzir-se, que apenas a autogestão seria capaz de realizar o trabalho justo e humano. Enriqueci minhas convicções com outros importantes escritos, como “A Desobediência Civil”, Henri David Thoreau, como os textos sobre coletividades autogestionárias descritas pelo anarquista Agustín Souchy e as propostas libertárias de Daniel Guérin.

Falando do “kibutz”, daquela época, Souchy observa: “Os defensores da economia privada afirmam que o afã de enriquecer individualmente é o único estímulo para o homem, e que sem ele a humanidade não conheceria progresso. A grande iniciativa levada a efeito, tanto pelos “javerim” de Israel, como pelos camponeses de Espanha, desmente esta asserção, demonstrando que o coletivismo representa um grande progresso econômico”.

Em meados dos anos 1960, conheci Maurício Tragtenberg, um intelectual ímpar, que pensava e divulgava convictamente o Anarquismo. Com ele me iniciei na teoria e na prática anarquistas. Por ele, fui apresentado a Jaime Cubero e José Carlos Orsi Morel que me expuseram a situação geral do Centro de Cultura Social, em seus períodos de 1933-1937, de 1945-1969, e naquele momento planejavam superar as proibições de época e iniciar a reabertura do Centro. Jaime Cubero dizia sempre que “era preciso resgatar e difundir

os valores libertários”. Realmente, sua conduta, como a de José Carlos Morel, seu permanente companheiro, obedeciam aos princípios libertários no corpo e na alma, e eles me convidaram a frequentar e dar palestras sobre diversos temas.

Sempre me vem à mente, as palavras de uma entrevista de Maurício Tragtenberg, de quem organizei a obra, a revisei e dirigi a coleção em 10 volumes: “Eu não tenho uma ideia formada [sobre a revolução socialista]. Se acreditou muitas vezes que se pudesse chegar ao socialismo criando um partido organizado, que tomasse o poder em nome de uma classe e decretasse o socialismo. Esse tipo de esquema eu acho que dá numa nova elite. Esse ‘pessoal toma o poder em nome de; e, ao tomar o poder, sofre o processo de burocratização. Aí ninguém os tira. Você tem um poder para realizar um fim, que é o socialismo. Com o passar do tempo, o fim começa a ficar esquecido e o meio, que é o poder, fica fim. Esse é um grande dilema do movimento socialista. O socialismo parlamentar também não funciona. Você quer criar o socialismo através do processo eleitoral, acho que não funciona. O caso do Allende acho que demonstrou bem que na América Latina e no Terceiro Mundo, você pode ter maioria parlamentar, mas o Exército dá o golpe de Estado.”

Iniciei dessa forma, junto com outras tantas pessoas, a atuação no Centro de Cultura Social, discutindo Educação, Cultura, Autodidatismo, Autogestão, Teatro, Arte, Liberdade

de Sexual, Homossexualismo, Condição das Mulheres, sindicatos livres, burocratismo, os problemas sociais, as revoluções, as novas experiências anarquistas, os novos grupos, a federalização dos grupos e sempre as obras principais do Anarquismo.

O Centro possuía sede temporária. Sou da época em que o Centro mudava de endereço, conforme as alterações de pagamento dos sócios, entre os quais sempre me mantive. Iniciei minha participação na sede da Rua Rubino de Oliveira, no Brás (aliás, bastante frequentada), mas a sede também se localizou na Rua Inácio de Araújo, na Rua Dr. Vila Nova, possuindo finalmente sede própria na Rua Gal. Jardim, n. 253, loja 22, sobreloja, Vila Buarque, graças à compra e ao esforço de inúmeros sócios, para a qual fiz uma das maiores contribuições, acompanhado por outros.

Merece destaque minha maior convivência com Beatriz Tragtenberg, com Maurício Tragtenberg, Doris Accioly e Silva, Jaime Cubero, José Carlos Orsi Morel, Edson Passetti, Alberto Centurião, Antônio Valverde, Marinice Fortunato, Nilton Melo, Renata Palotini, etc. Assisti a inúmeras conferências. E tantos companheiros inesquecíveis, destemidos, defensores de uma causa verdadeira e humana. Tal causa deve ter continuidade, demonstrando que o homem pertence ao homem, livre, digno e convicto de que é dono de seu próprio trabalho, de que é dono de sua independência e exercitar a fraternidade. Só seu igual poderá oferecer-lhe a paz e inculcar-lhe a união.

Nos anos finais da década de 1970, Jaime Cubero e José Carlos Orsi Morel, por certo a conselho de Tragtenberg, procuraram-me discretamente a fim expor a decisão de dar continuidade ao Centro de Cultura Social. Eram preciso mesmo coragem e reserva. Em meio às aulas, eu cuidava de processos de alguns presos políticos e me via na obrigação de elaborar o estatuto do Centro de Cultura Social, a pedido deles e dentro dos parâmetros dos documentos a mim apresentados. Daí escrevi o Estatuto do Centro, posteriormente alterado.

Agradeço ao Antônio Carlos de Oliveira o convite para escrever estas breves palavras em comemoração aos 90 anos do Centro de Cultura Social. QUE O CENTRO TENHA LONGA VIDA E QUE OS COMPANHEIROS POSSAM FORTALECER-SE CADA VEZ MAIS, ORGANIZAR-SE E UNIR-SE SEM LIMITES, LEMBRANDO PALAVRAS DE JAIME CUBERO: “O caminho da liberdade é o da prática da própria liberdade. É com a prática da liberdade que formamos homens livres. Liberdade não é somente de restrições: é responsabilidade, opção e livre aceitação de obrigações sociais”.

***Evaldo Amaro  
Vieira***

\*\*\*

Só mesmo o espírito do anarquismo poderia gerar o Centro de Cultura Social da maneira como ele é. Só mesmo o espírito libertário extremo que pudemos ver na convivência com os anarquistas do Centro de Cultura Social.

Eu convivi com os velhos anarquistas que fugiram da Espanha naquela arrancada nazista do final de 30 até meados de 40. Eu os conheci, esses velhos anarquistas, não por serem idosos, mas por serem velhos amigos, tão queridos. Fiquei encantada quando fomos no carnaval, ao sítio dos anarquistas que conduziam o Centro de Cultura Social.

Lá tinha uma espantosa mesa de aproximadamente 6 metros de comprimento. Numa ponta dela estava eu, mas o que me deixou encantada, foi que vi na parede, uma tabelinha escrita: hoje às 15:00 palestra de Mauricio Tragtenberg sobre seu último trabalho, defendido na semana passada USP. O título é Burocracia e Ideologia. Eu dei risada. Imagina se alguém aqui nessa tranquilidade, alguém vai querer ouvir Mauricio Tragtenberg sobre Burocracia e Ideologia. Mas quando eram três horas, uma sinetinha fez assim: din din din din din. De repente, uma enxurrada de gente saía de todos os lados. O pessoal que tinha ido tirar um soninho depois do almoço, veio. E foi ocupando os lugares na mesa, até que na ponta extrema a minha, sentou Mauricio, conduzido pelo Jaime Cuberos e todos os amigos anarquistas. Mauricio então, com sua capacidade incrível de explicar claramente coisas altamente complicadas,

que qualquer pessoa diria com termos de academia, falava a todos com muita clareza, com uma explicação de Burocracia e Ideologia espantosamente fácil de se compreender.

A liberdade que eu vi ali naquele momento, é o que define o espírito do Centro de Cultura Social que eu vivi. Continua vivo, continua promovendo o estudo, buscando as verdades da sociedade e promovendo o estudo crítico.

Parabéns aos que neste momento estão fazendo este jornal, grandes amigos, meus parabéns. Queridos amigos, eternamente buscando a verdade.

## **Beatriz Tragtenberg**

\*\*\*

*Como eu conheci e vivi no centro de cultura social ...*

No tempos da minha vida pautado pela ansia e motivação de conhecimento e aprendizagem do movimento anarquista internacional, o Brasil foi um país/continente que jamais esquecerei. Desse modo, no início da década de 1990 aquando de uma viagem circunscrita a atividades no mundo universitário em São Paulo, a primeira iniciativa que tomei foi visitar a sede do Centro de Cultura Social, na Rua Rubino de Oliveira, nº 85, no Bairro do Brás. Porque já ti-

na conhecido Edgar Rodrigues em 1978, por sugestão deste, foi estimulado a encontrar alguém do referido centro. Ainda subi ao 2º andar, mas fiquei frustrado na minha tentativa militante já que o espaço estava fechado.

Mais tarde, por ocasião da realização do “Outros 500 - Pensamento Libertário Internacional”, entre 24 a 29 de Agosto de 1992, tive uma oportunidade única de conhecer Jaime Cubero, Roberto Freire, Maurício Tragtemberg, José María Lunazzi e Edson Passetti. Desde então, entre mim e Jaime Cubero, criou-se e desenvolveu-se uma enorme empatia suportada pelas dimensões teóricas e práticas do anarquismo que perduraram até à sua morte, em São Paulo (Brasil), no dia 20 de Maio de 1998. Em paralelo, e por razões de uma sensibilidade extremamente humanista, essas relações extravasaram a dimensão ideológica do anarquismo, na estrita medida em emergiram naturalmente para um comportamento humano pautado pelo amor, amizade e liberdade que enchem o Centro Cultural de pedagogia libertária para a emancipação social e entranhavam-se no pulsar da vida quotidiana.

Foi com base nessa relação que eu me aproximei das atividades do anarquismo no Centro de Cultura Social. Primeiro realizando duas palestras na Rua dos Trilhos e, posteriormente, na nova sede sediada Rua Gen. Jardim, 253, em São Paulo. Neste novo espaço, propriedade do Centro de Cultura Social, em 2 de Julho de 2005, realizei uma palestra subordinada ao tema Anarquia e Anarquismos. Em 21 de Setembro de 2006 realizei

outra palestra sobre Anarquismo Hoje. Todos os debates foram estimulantes, mas a ausência de Jaime Cubero e Maria, de António Martinez e de Martins provocou-me uma imensa saudade, sobretudo pelas vivências espontâneas e informais de liberdade e criatividade que o Centro de Cultura Social desenvolvia no sentido da luta pela emancipação social.

Diga-se também que enquanto membro do coletivo da revista Utopia, editada em Portugal, mantive relações bastante amistosas, com o Centro de Cultura Social por razões óbvias das suas necessidades de constituição e desenvolvimento de uma Biblioteca e de Livraria para consulta dos seus associados e público em geral que, potencialmente, frequentam o Centro. Na gênese desta relação, mais uma vez, Jaime Cubero é o obreiro crucial.

## **José Maria Carvalho Ferreira**

(professor/Investigador SOCIUS/ISEG-Ulisboa/UFBA)

\*\*\*

*Pesquisa e militância pela própria vida ...*

Kropotkin dizia que o talento individual arrefece quando não é centelha da chama coletiva. O fato é que, desde que entrei em contato com a vida-obra de Emma Goldman, busquei travar diálogo com militâncias que nela se inspiravam. O CCS, desde 2017, abriu um

espaço muito relevante para discutir textos que traziam a intersecção entre anarquismo e feminismo. Foi no grupo de estudos sobre anarquismos, feminismos e masculinidades (GEAFM) que tomei contato com as anarcaseministas. Por meio das trocas que ocorreram em torno de um texto de Emma Goldman, fui desenovelando aos poucos o fio que entrelaça a militância e a pesquisa científica.

Uma das primeiras apresentações coletivas que realizei acerca de minha pesquisa sobre a trajetória de Emma foi em ocasião da aula-teatro “Emma Goldman: uma vida libertária”, encenada por Cibele Troyano. A não-disjunção entre vida-obra de uma mulher anarquista se tornou mais do que evidente em sua visceralidade.

Em 2018/2019, me tornei facilitadora do grupo, vivência que me legou muito fôlego para admitir que o anarquismo não é utopia, mas o pensamento levado à ação. A deseducação mensal começa já na organização do grupo, exercício avesso às hierarquias que normatizam a vida burocrática.

A ética das amigas que costuramos no CCS parte da horizontalidade. Não há apaziguamento diante das questões candentes, mas trincheiras que o diálogo vai destrinchando.

Admitindo que o perspectivismo é um instrumental de luta, abrimos espaços para a divergência. Atualmente, optamos por trazer textos e convidad@s cada vez mais contemporâne@s para impulsionar a discussão. As leituras clássicas são importantes, mas não esgotam as pautas que atravessam nosso coti-

diano.

Assim, gostaria de agradecer continuamente a disponibilidade das companheiras Andressa, Jamile, Mayumi e Nina. As trocas que ensejamos esfacelam fronteiras entre ação direta e a própria vida.

## *Larissa Guedes Tokunaga*

\*\*\*

Conheci o Centro de Cultura Social através de um amigo, Fábio Paro Suguiyama (Gafa), que estudava na PUCCAMP em Campinas. Ele era ativista anarquista e sempre discutíamos sobre partidos e política. Naquele momento eu era ligado a um partido de esquerda mas descontente com suas formas de atuar no movimentos sociais e sindicais. Ele me apresentou Kropotkin, A Conquista do Pão, e depois me contou sobre o CCS, um lugar onde se reuniam militantes anarquistas e que discutiam diversos temas aos sábados à tarde.

Em uma tarde de sábado, em 1988, pegamos o trem de Campinas até a Estação da Luz e de lá, de metrô, fomos para o CCS, no Brás, na Rua Rubino de Oliveira, 85, 2º andar. Subi a a escadinha e já encontrei uma bancada com livros em português e espanhol. Alguns boletins de grupos anarco-punks, de grupos e coletivos libertários

além do boletim do próprio CCS. Ao lado da bancada estava um senhor de cabelos brancos com um sotaque meio cantado de paulistano com italiano, se apresentou como Martins. Ele me indicou alguns livros e comentou sobre o anarquismo de forma breve, me deu alguns boletins do CCS antigos e outros recentes que expunham um pensamento crítico sobre o Estado, movimento sindical, Constituinte / Constituição. Voltei para Campinas e, junto com a leitura da Conquista do Pão de Kropotkin e os materiais do CCS, iniciava minha trajetória no campo anarquista e me desfilava do tal partido político.

Depois disso, virei frequentador do CCS e participei da criação de um coletivo anarquista em Campinas: Coletivo Libertário Edgard Leuenroth, homenagem a um dos criadores do CCS em 1933 e um importante militante tanto no anarquismo como na preservação da periódicos e outros materiais. Eu me deslocava de Campinas quase toda a semana fazendo o mesmo itinerário de trem para São Paulo e depois metrô para chegar a Rubino de Oliveira, 85.

Conheci muitas pessoas e grupos. Nesse espaço recebi uma influência baseada em ações solidárias e acolhedoras convivendo com pessoas comprometidas em divulgar as ideias anarquistas e atuar em seus locais de trabalho, moradia, estudo, enfim, onde pudessem pensar e discutir a criação de uma nova sociedade socialista libertária. Aprendi muito nesse espaço com os exemplos de Jaime Cuberos, Antonio Martinez (o Martins), entre tan-

tos que frequentavam o espaço que era mantido de forma agregadora e não excludente dos “ismos” e sem bajulações vazias. Nesse local fiz amizades que estão presentes até hoje em minha vida e que atravessaram os anos. Também participei de projetos junto com outros coletivos e indivíduos para divulgar o anarquismo em algumas datas como o Primeiro de Maio e também da rede de correspondência o “Nó” entre grupos libertários de alguns estados brasileiros.

Enfim, posso registrar que o CCS fez parte da minha formação através das palestras e ciclos de estudos promovidos, bem como pelo contato com a literatura anarquista e com a convivência saudável propiciada pelas gerações antigas. Nesse lugar dei os primeiros passos no entendimento sobre o anarquismo, um aprendizado que não tem fim pois o ideal libertário dialoga com a sociedade de maneira viva e atuante. Muitas vezes escondidos nas entranhas da terra mas surgindo como rizomas pela sociedade com propostas e desafios à ditadura do Capital.

## ***José Damiro de Moraes***

\*\*\*

*Impressões e memórias sobre o Centro de Cultura Social de São Paulo – 90 anos de história ...*

Lembro-me do primeiro dia em que estive no Centro de Cultura Social de São Paulo,

um pouco após a realização do evento “Os Outros 500”, na PUC-SP, no ano de 1992. Naquela ocasião, eu cursava História e junto a um amigo andávamos cansados da tradicional política estudantil. Decidimos conhecer os espaços que restavam da antiga cultura anarquista na cidade. Fomos, num sábado à tarde, ao CCS, que ainda ocupava uma sala no 2o. andar da Rua Rubino de Oliveira. Na fachada do prédio, uma placa de cor preta com a inscrição Centro de Cultura Social – A Conquista da Consciência e da Liberdade, tomava conta do espaço abaixo das janelas. Nesse dia, sem sabermos, havia sido convidado Francisco Foot Hardman, professor da Unicamp, para falar sobre seu livro, hoje um clássico, *Nem Pátria Nem Patrão*. O CCS já há muito tempo estabelecia essa conexão entre a universidade e o espaço aberto ao público fora dela. Lembro de Jaime Cubero fazendo o papel do comentador e debatedor, do Martins sentado à beira da porta e de alguns jovens punks (na época) que, desde então, já frequentavam o espaço: Nildo Avelino e Antonio Carlos eram alguns deles.

Desde esse primeiro encontro passei a ir com alguma regularidade ao CCS. No ano de 1995, quando trabalhava como pesquisador do Museu da Imagem e do Som de São Paulo, consegui realizar uma entrevista em vídeo no estúdio com Jaime Cubero, documento arquivado no acervo de História Oral do MIS. Tratava-se do Projeto Memória da Imprensa e convenci o coordenador do projeto da importância de Cubero como jornalista, quando de seu

trabalho no jornal O Globo, nos anos 1950/60. Cubero liderou uma greve de solidariedade dos jornalistas em apoio aos gráficos. Depois, desde 1997, mudanças de vida me levaram a Campinas, Santos, Fortaleza, e agora no Rio de Janeiro, praticamente impedindo-me de ter uma atividade presencial regular no CCS. Sempre que possível visitei e continuo a visitar os diferentes espaços que o CCS ocupou desde sua saída do Brás, na Moóca e nas duas sedes que teve na General Jardim. O CCS sempre esteve à frente, ou apoiando a organização das atividades anarquistas paulistas. Na esteira das mega manifestações antiglobalização, a participação dos ativistas paulistas, capitaneada pelo CCS no Encontro Libertário de Florianópolis, em 2000, foi um marco na reorganização e na retomada ativa dos grupos anarquistas em todo o Brasil.

A biblioteca do CCS se constituiu como um importante acervo da cultura libertária paulista e global. O conjunto de atividades culturais, sociais, políticas, que regularmente são realizadas, tradicionalmente aos sábados, no CCS, indicam a vitalidade do espaço, referência nacional da cultura libertária e do movimento anarquista. Quantos centros de cultura espalhados pelo Brasil, mesmo que de curta vida, não se inspiraram no protagonismo iniciado pelo CCS, entrelaçando o espaço de convivência, com a biblioteca popular, e a arena da discussão política e social territorializada? Sem dúvida, essa é a marca principal do Centro de Cultura Social. Protagonista do movimento anarquista

construído em solo brasileiro desde 1933, o CCS é a referência obrigatória para a edificação de qualquer nova associação anarquista que surja no Brasil. E quando ultrapassamos as fronteiras nacionais, seja aqui nos vizinhos da América do Sul como a Argentina e o Uruguai, seja nos países europeus de forte presença anarquista como a Espanha, Itália e França, a longevidade da história do CCS paulista é reconhecidamente valorizada no seio do movimento internacional.

Já se passaram 90 anos desde sua fundação, que se passem mais 90.

Longa vida ao Centro de Cultura Social de São Paulo!

Saúde e Anarquia,

Rio de Janeiro, verão de 2023.

***Carlo Romani***

\*\*\*

Eu cheguei ao Centro de Cultura Social pela primeira vez com companheira e coda (CODA é uma sigla em Inglês, que significa Children Of Deaf Adults usada para identificar os Filhos de Pais Surdos) Andressa, em 2019, por minha vontade. Quando me entendi como anarquista, senti a necessidade de encontrar um grupo para conhecer mais profundamente a filosofia do Anarquismo. Um dia estava fazendo essa busca quando vi um evento do CCS e chamei a minha companheira (e

intérprete) para irmos até lá. O CCS foi muito importante para mim, cresci muito com a ideia da ação direta (individual ainda), evolui significativamente o senso crítico, a reflexão profunda, e até assustei colegas e professores da faculdade de Arquitetura com meu posicionamento e minhas ideias. Trabalhos que escrevi para a universidade têm influência libertária. Mais ainda, aprendi muito a pensar em como fazer pesquisas de forma autônoma, construindo mentalmente a organização, a realização do apoio mútuo entre meu povo surdo. O CCS e o Anarquismo me fizeram abrir uma visão muito grande sobre o povo como vítima do Capitalismo, e como combatê-lo com base na filosofia libertária, incorporando uma nova teoria política da Surdez. Fez-me sentir mais vivo, com vontade de viver, agregando o sonho à realização da coletividade na prática nos povos.

***Rusdy Delgado  
Rabeh***

\*\*\*

Logo que entrei para o Centro de Cultura Social, com dezoito anos, fui percebendo o que se passava a minha volta e formei o conceito do que é ser militante anarquista. Se ele vai lutar no movimento pela mudança da sociedade, ele tem

que estar preocupado com a sua formação intelectual. Nesse aspecto, eu me empolgava muito com os discursos do Edgard Leuenroth, sobre a formação e autoformação intelectual do militante, e o admirava demais. Ele foi para mim um ótimo exemplo de autodidata... Encontrei também o Pedro Catallo, que era sapateiro e escreveu muitas peças de teatro, sem nunca ter abandonado a sua bancada onde fazia sapatos. Ele dizia: “A formação intelectual é um dever ser, no sentido do sujeito se preparar, pois o saber é o meio de libertação, o instrumento de luta, mais objetivo e preciso ao seu alcance”. Isso calava fundo em mim, porque quando o sujeito vai defender uma posição, como a do anarquismo, que do meu ponto de vista é superior em relação às outras posições políticas, ele tem que assumir a responsabilidade de defendê-la de fato. Porque o anarquismo não pressupõe a conquista do poder pelo poder, simplesmente, nem deseja os privilégios ou a conquista de bem-estar só para alguns poucos. O anarquismo é contrário aos padrões morais da sociedade de consumo.

O norte do anarquismo repousa em fundamentos puramente éticos e morais, porque o anarquista sente, simplesmente, prazer em ser digno. É a atitude ética que ele coloca em face da justiça, da equidade, da dignidade humana, da elevação e superação do homem pelo homem. Como o homem tem um potencial imenso voltado para a vontade de conhecer, isso tem que ser canalizado para procurar saber cada vez mais, sem limitações. Essa experiência de

procurar o conhecimento eu vi em todos os militantes anarquistas, que não tinham frequentado os bancos escolares. Liam seus livros e, sempre que saía um livro novo, liam, estavam sempre estudando e discutindo no Centro de Cultura. Ainda há pouco, estive em Porto Alegre e encontrei o Augusto. Ele está com 84 anos, quase cego, diabético, mas passa todo o tempo lendo. Incrível, a leitura. Depois de um certo tempo, passa a compor uma segunda natureza do militante anarquista. O Augusto doou toda a biblioteca dele, com livros muito bons, alguns raríssimos hoje em dia. No entanto, me disse: “Vou ficar com esses, que ainda estou estudando”. Sabe como ele lê? Com muita dificuldade, numa mão segura a lupa e, na outra, o livro. Foi assim, também, quando conheci o Oiticica, no Rio de Janeiro. Ele estava com 74 anos, tinha já uma formação completa, acadêmica, foi professor a vida toda, deu cursos na Alemanha. Sabe o que ele estava fazendo? Estudando russo e, ao mesmo tempo, como músico, estudando Bach. Não admitia que o avançado dos anos pudessem empobrecer o espírito.”

### **Jaime Cubero**

(Trecho do depoimento feito a Antônio José Valverde, entre 05 e 09 de Maio de 1989, no CCS)

\*\*\*

O ABC, região industrial de São Paulo, Brasil, território de grandes mobilizações ope-

rária contra a Ditadura (Civil e Militar, 1964-1985), no final dos anos setenta e começo dos anos oitenta, foi onde emergiu o novo sindicalismo, especialmente pela força do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. No começo dos anos oitenta, entrei em contato com a contracultura, cultura rebelde, presentes no mundo e nas ruas do ABC, através de um colega de escola que me chamou para conhecer a quadra da Lavinia (praça Antônio Rodrigues Filho). Ali era ponto de encontro do coletivo Punks Anjos, que ficavam na praça e nos bares do “Luiz” e do “Cridão”. Fui recepcionado por alguns Anjos e apresentado aos demais, que no final da noite me convidaram para voltar. Os Anjos “batiam ponto” na praça, especialmente nas sextas, sábados e domingos, a partir da tarde e no começo da noite a praça já estava cheia de jovens. A vestimenta era coturno, calças jeans, azuis e pretas, com bastante uso, até rasgadas, camisetas surradas, escuras, entre outras, e bottons. Nos bottons e camisetas havia, além de bandas, frases antissistema, contra o Estado e contra o governo. Nesta época, havia poucos sons, porque a repressão policial e o preconceito contra os punks eram grandes, além disso, os conflitos entre os Punks do ABC, de São Paulo e os Carecas do Subúrbio eram frequentes. Os sons, na maioria das vezes, acabavam em tretas. Os Carecas do Subúrbio era mais um grupo que frequentava os espaços que punks também estavam, como o centro de Santo André.

Os Anjos tinha muitos punks envolvidos com debates,

questões políticas e ações concretas, em associações, amigos de bairro, organizações e movimentos sociais, sindicatos, partidos. Dentro do movimento punk, alguns propuseram organizar-nos, chamando de “movimento básico”. A circulação de panfletos, zines, cartazes, jornais, revistas e livros de teorias revolucionárias, punk, filosofia, sociologia, história, geografia, pensamentos e prática anarquistas eram presentes mesmo diante da repressão em cima dos punks, e de maneira mais ampla contra os opositores ao governo de plantão, como as grandes greves e seus organizadores. Através destes materiais, consegui o endereço do Centro de Cultura Social de São Paulo (CCS-SP), na Rubino de Oliveira, 85. Faz tempo, uma porta e uma pequena escada e lá estava eu, em busca de informações e conhecimento, e dentro do espaço que preservou a memória das lutas do movimento anarquista, fui atendido por um senhor de barba, fiquei um tempo, e saí com o jornal Inimigo do Rei e o livro Deus não existe, 10 simples motivos. Em outra oportunidade, os punks do ABC participaram do 1º de Maio, no paço municipal de São Bernardo do Campo (praça Samuel Sabatini). Ao fundo da concentração, levantou uma enorme bandeira negra, ao lado do espelho d’água da praça. Fomos lá, encontramos a militância do CCS-SP com a linda bandeira e distribuindo panfletos, ficamos ali trocando ideia.

Recentemente, o Projeto Meninos e Meninas de Rua, organização que atuou há alguns anos, foi atacada duramente

pelo governo municipal de São Bernardo do Campo. Organizamos a reação, e no apoio tivemos o CCS-SP, que sugeriu fazermos algo juntos. Em 2022 realizamos o Ciclo de Debates Anarquista e tivemos a honra de construir com várias organizações, entre elas o Centro de Cultura Social de São Paulo. Vida Longa para @s Anarquistas, vida longa ao CCS!

## **Markinhus Souza**

(Aranha, no movimento Punk), Educador Social e Cientista Social

\*\*\*

Mais que testemunha de tempo e espaço militantes, o Centro de Cultura Social de São Paulo é, aos seus 90 anos, uma entidade de ação. Ainda que carregue a memória de importantes presenças, como as de Maria Valverde, Sônia Oiticica, Anita Aldegheri, Carlo Aldegheri, Edgard Leuenroth, Antônio Martinez (Martins), Pedro Catallo, Jaime Cubero, Chico Cubero, Diego Gimenez Moreno, Lucca Gabriel, Rodolpho Felipe, Virgilio Dall’Occa, Nito Lemos, G. Soller, Souza Passos, Edgar Rodrigues e José Oliva Castilho (Velho Oliva), o nosso CCS logrou dar passos importantes, sem deixar-se paralisar por uma nostalgia laudatória e imobilista.

Aos nomes aqui recupe-

rados, e essa é assumidamente uma lista incompleta, as gerações que aceitaram manter as portas da entidade abertas, somando ao conjunto de militantes históricos outras tantas e tantos, deram continuidade ao trabalho de propaganda do anarquismo em incontáveis atividades. Uma propaganda que, em certo sentido, possibilitou a coesão de energias que permaneceriam muito dispersas e mesmo insuficientemente organizadas para a realização de qualquer ação minimamente estruturada. Mesmo quando não esteve diretamente ligado a determinado grupo anarquista e/ou com ele tivesse mantido relações formais, o CCS exerceu influência das mais positivas, uma vez que fez reverberar, através de suas iniciativas, as ideias libertárias em territórios muito além das fronteiras de São Paulo.

Em alguns casos, como no do Rio de Janeiro, a existência do CCS representou a promessa de uma possível e desejável federação de esforços, de um projeto comum a ser animado igualmente por outros grupos espalhados pelo país, para os quais o reconhecimento do papel central do Centro de Cultura Social era mais que consensual. Uma condição, aliás, que não foi de pequena importância em conjunturas de dispersão, dissenso político e refluxo social. Em fases nas quais a tradição de luta chegou a ceder perigosamente espaço para certo desânimo, ceticismo e mesmo indiferença frente aos enormes desafios a serem enfrentados.

No plano mais propriamente ideológico, o CCS mos-

trou-se sempre muito generoso no acolhimento das várias correntes do anarquismo, dando a elas, antes do mais, o espaço que as suas energias eram capazes de realizar. Uma característica que não rendeu poucas e profundas divergências, estimulou debates e, exatamente por isso, possibilitou um mais claro desenho de cada uma das fisionomias em atrito. Uma fricção que tornaria, ao fim e ao cabo, ainda mais evidentes os limites de colaboração e convivência das propostas, suas misérias e grandezas e – por que não dizer? – as suas respectivas coerências com o que constava em seus programas.

Passado o ciclo mais “tormentoso”, depois de afastamentos e reaproximações, o nosso CCS parece ter condições de comemorar os seus 90 anos com integridade. Tem condições de reivindicar seu nexos histórico com os primeiros tempos, de fazer-se parte deles em plena isonomia, em uma escala proporcional, observando-se o tempo e o espaço que nos separam dos míticos anos de 1930, da resistência antifascista e do recrudescimento da repressão. Tem condições de fazê-lo não por se encontrar “depurado” de qualquer das linhas do anarquismo, não por ter realizados as “defecções necessárias”, mas por ter privilegiado antes de tudo a capacidade de trabalho sério e diligente dos que ajudaram a manter a entidade funcionando, com o necessário compromisso e plena realização daquilo que era decidido em seus fóruns deliberativos e instâncias decisórias.

No mais, o que se esperar

de uma legenda libertária que, uma década antes de seu centenário, mantém-se em permanente mudança sem escandalizar o seu próprio passado, ou antes, homenageia-o exatamente por continuar em permanente construção? O que se esperar de uma presença tão marcante, densa, fundamental e de uma coletividade que transforma divergência em combustível para a propaganda do anarquismo e diferenças de opinião em movimento colaborativo responsável por tantas iniciativas de valor inquestionável? Espera-se que continue a fazer o que faz e preencha como vem preenchendo as importantes lacunas que o trabalho de propaganda historicamente nos exige.

Evoé, Centro de Cultura Social!!!!

**Alexandre Samis**

\*\*\*

Por volta de 1990, conheci o Centro de Cultura Social, fundado em 1935 (Brás-SP). Maurício Tragtenberg e Evaldo Vieira me indicaram o caminho.

Eu buscava entender por que o discurso “integração escola-comunidade-sociedade” era tão bonito e tão difícil de ser colocado em prática. Professora, coordenadora e supervisora na educação pública estatal (SP), tendo como lema “Como derrubar os muros da escola?”, não entendia por que formar cidadãos capazes de autogerirem sua própria vida e de contribuir na construção da autogestão social incomodava tanto a instituição...

O Centro de Cultura Social foi o lugar mais rico de aprendizagem que tive em toda minha vida. Aprendi que esta luta significava, de um lado, a negação do autoritarismo no ensino, do estatismo, do confessorismo, e de outro, a construção de uma educação livre, não privada, não estatal. Entendi que o Estado não é legítimo quando governa para o povo, sem o povo. A luta por uma escola pública autogerida inclui os interesses de todos que querem a construção de uma sociedade justa, fraterna,

solidária.

No Centro de Cultura Social encontrei jovens e idosos dialogando, “doutores” aprendendo com autodidatas, os analfabetos, os evadidos da escola, os descartados pela sociedade, ou seja, os formados com louvor na Universidade da Vida. Foi aí que encontrei “santos ateus”, homens que ofertam suas vidas para a humanidade, tais como Jaime Cubero, Antonio Martines. Foi aí que vi e ouvi divergência dialogando com amor, no amor. Foi aí que se deu a mais rica aprendizagem para mim.

Foi também no Centro de Cultura Social que descobri um “príncipe”, Pedro Kropotkin, e me apaixonei por ele.

Obrigada, grandes amigos por me fornecerem LUZ neste caminho, na luta pela “autogestão pedagógica no caminho da autogestão social”.

**Marinice S. Fortunato**

\*\*\*

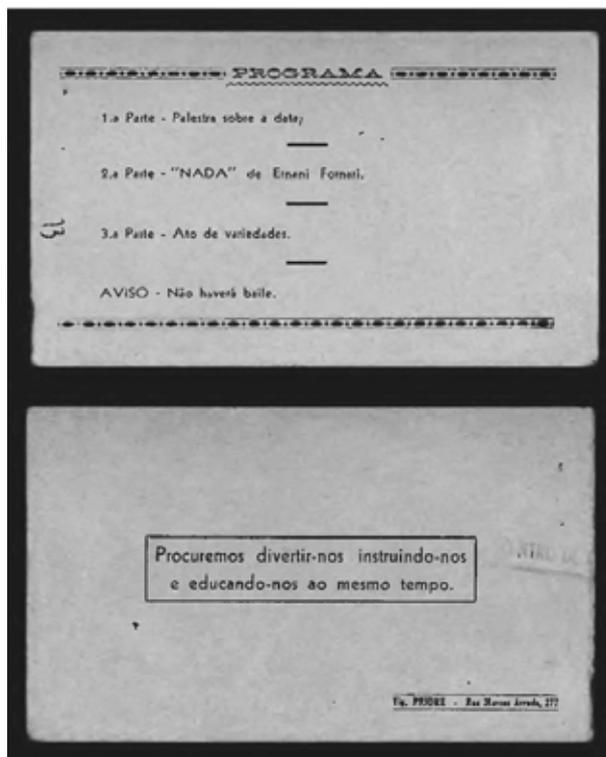
# BIBLIOTECAS E CENTROS DE CULTURA LIBERTÁRIOS: EDUCAÇÃO ONTEM E HOJE

Lúcia Silva Parra <sup>1</sup>

Nas primeiras décadas do século XX, no Brasil, as associações de classes e sindicatos procuraram organizar bibliotecas, ateneus ou centros de cultura para seus associados. (CUBERO, 2017, p. 25). Tratava-se de uma forma de oferecer aos trabalhadores e seus familiares, acesso à educação, cultura e lazer, além de reforçar laços de sociabilidade. Como nos conta Jaime Cubero: “a palavra ateneu se origina do grego Athenáion. Nome que designava as associações de caráter cultural, científicas ou literárias, entidades não oficiais de instrução, academias.”(CUBERO, 2017, p. 27). De acordo com o autor, no Brasil, a função do ateneu é a mesma do centro de cultura.

As bibliotecas populares foram também importantes espaços de educação e cultura para os anarquistas no Brasil, nas primeiras décadas do século XX. Muitos militantes libertários se alfabetizaram em meio a bibliotecas anarquistas. Um exemplo é Sylvio Floreal (1862-1929), pseudônimo de Domingos Alexandre, que aprendeu a ler em meio aos livros e jornais da biblioteca da Federação Operária de Santos. Anarquista e autodidata, Floreal colaborou em diversos jornais libertários e da imprensa comercial, entre eles *A Revolta*, *Regeneración* (México) e *O Estado de S. Paulo*. Seu livro mais conhecido é “Ronda da meia noite: vícios mistérios e esplendores da cidade de São Paulo”, publicado pela primeira vez em 1925. A obra retrata os submundos da cidade de São Paulo, incluindo bares, presídios, hospitais e hospícios.

As bibliotecas, ateneus e centros de cultura anarquistas criados nas primeiras décadas do século XX, no Brasil, não aparecem nas obras clássicas da área de ação cultural, nas quais afirma-se que os primeiros centros de cultura surgiram em São Paulo, na década de 1980. Aliás, as Escolas



Fonte: Dossiê 005. Anarquismo. DEOPS/SP. Arquivo do Estado de São Paulo.

Modernas criadas pelos anarquistas, também não constam na maior parte dos manuais de história da educação no Brasil.

Após o fechamento das Escolas Modernas n. 1 e n.2 (São Paulo) e Escola Moderna n.3 (São Caetano) em 1919, pela Diretoria de Instrução Pública do estado de São Paulo, os centros de cultura, ateneus e bibliotecas passaram a ser espaços ainda mais importantes para a difusão da educação e da cultura libertária. Eram lugares onde ainda era possível reunir trabalhadores interessados em instruir-se, assistindo conferências, participando de grupos de teatro, lendo livros e jornais libertários, discutindo ideias e organizando movimentos sociais.

Conseguir manter abertos ateneus, biblio-

<sup>1</sup> Bibliotecária e historiadora, membra do Centro de Cultura Social

tecas e centros de cultura eram atos de coragem e resistência em meio a intensa repressão policial que incluía prisões arbitrárias e expulsões de anarquistas considerados “indesejáveis”. A partir de 1924, com a criação do Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo (DEOPS/SP), os militantes anarquistas foram ainda mais vigiados, com seus passos seguidos de perto por investigadores.

A fundação do Centro de Cultura Social, em 1933, em São Paulo, se deu em um contexto de grandes adversidades que incluíam conflitos com grupos fascistas, integralistas e de militantes do Partido Comunista Brasileiro, além da intensificação da repressão da polícia política aos anarquistas, em plena ditadura de Getúlio Vargas (1930-1945). Os centros de cultura, ateneus e bibliotecas também foram uma estratégia libertária para escapar à repressão do Estado e continuar atuando, no campo da educação e da cultura. A ideia de colaborar para a educação dos trabalhadores estava presente no Centro de Cultura Social. Um festival organizado pelo CCS, realizado no Grêmio Hispano Americano, realizado em 30 de abril de 1948 contou com a presença de aproximadamente 300 pessoas. No festival foi proferida palestra sobre Primeiro de Maio, seguida de representação teatral da peça “Nada” de Ernani Fornari (1899-1964) e de ato de variedades. O evento tinha por finalidades a diversão e a educação. Espaços como o Centro de Cultura Social foram importantes para a formação de gerações de anarquistas e simpatizantes.

Os centros de cultura e bibliotecas libertárias contemporâneas apresentam como continuidades a valorização da cultura escrita e da memória anarquista. Para citar alguns dos centros de cultura e bibliotecas libertárias do estado de São Paulo temos: o Centro de Cultura Social (São Paulo), A Biblioteca Terra Livre (São Paulo), a Biblioteca Carlo Aldegheri, do Núcleo de Estudos Carlo Aldegheri (Guarujá) e o Centro de Cultura Vira Lata Caramelo (Santo André).

O Centro de Cultura Social permanece aberto desde 1933, até o presente, embora o contexto social e o perfil dos libertários e simpatizantes tenha mudado consideravelmente, há algumas continuidades em suas atividades, como palestras, debates e representações teatrais. Em 2018 surgiu o grupo de estudos “Anarquismos, feminismos e

masculinidades” que atrai interesse de diversas pessoas, renovando os quadros do Centro de Cultura e estimulando a produção de novos conhecimentos. Grupos de estudo, além de reforçarem a sociabilidade, podem tornar-se grupos de trabalho, em torno de pesquisas e produção de novos conhecimentos.

A Biblioteca Terra Livre foi fundada em 2009, em São Paulo, é uma biblioteca e centro de documentação anarquista que conta com grupos de estudos e editora. Desde 2006 organiza a Feira Anarquista de São Paulo. Atualmente a organização é compartilhada com o Centro de Cultura Social e Núcleo de Estudos Libertários Carlo Aldegheri.

A Biblioteca Carlo Aldegheri, organizada pelo Núcleo de Estudos Carlo Aldegheri (NELCA), foi inaugurada em dezembro de 2012, no Guarujá. É um centro de documentação anarquista que promove atividades como palestras, debates, grupos de estudos, publicação de livros e outros.

O Centro de Cultura Vira Lata Caramelo foi fundado em 2022, em Santos André. Promove atividades como ciclos de debates, performances artísticas, oficinas de confecção de livros artesanais e lançamento de livros.

Os centros de cultura e bibliotecas anarquistas promovem educação não formal, através de debates, palestras, grupos de estudos e representação de peças teatrais. Diferentemente dos meios acadêmicos, nos espaços libertários, não existem as amarras da hierarquia a serem observadas: todos têm direito de fala, não diplomados e doutores. Todos têm alguma proximidade com o autodidatismo, afinal, mesmo os que passaram por Universidades, precisam, em algum momento, estudar as teorias e práticas do anarquismo de forma autônoma.

Os centros de cultura e bibliotecas libertárias podem agrupar pessoas de diferentes origens e faixas etárias em torno de interesses em comum: o anarquismo. Embora muitos dos frequentadores não se identifiquem plenamente com o anarquismo, ou mesmo desconheçam boa parte de suas teorias, vertentes ou história, possuem algum interesse ou curiosidade por temática libertária. Podem ser lugares de formação para gerações de libertários, como o Centro de Cultura Social que em 2023 completou 90 anos.

Antigas práticas dos centros de cultura e ateneus libertários permanecem importantes e renovam-se, como as palestras, atividades teatrais e publicação de jornais e livros. Comparativamente às atividades editoriais anarquistas das primeiras décadas do século XX, a publicação de livros ganha destaque, em detrimento dos periódicos que já foram um dos principais meios de difusão das ideias ácratas. Estes espaços contribuem para a preservação da história e da memória anarquista, além de oferecer reflexões com um olhar libertário para temas atuais. Podem ser lugares de acesso à informação, mantendo documentos, livros e jornais de temática libertária sob a sua guarda.

Os centros de cultura são importantes para o incentivo à leitura, pois com frequência são debatidas temáticas publicadas em trabalhos acadêmicos e livros em geral. Comercializam livros e revistas que servem para difundir as ideias libertárias e colaborar com o custeio das despesas do grupo.

Centros de cultura e bibliotecas anarquistas são também espaços de exercício de autogestão, seus associados colaboram financeiramente, com o trabalho de planejamento e organização das atividades públicas. A autogestão é um dos princípios básicos de teoria e de ação anarquista, segundo Silvio Gallo (GALLO, 2015, p. 20). Participar da autogestão de coletivos libertários é também um exercício de diálogo e tolerância.

Bibliotecas e centros de cultura libertários continuam sendo lugares importantes de educação informal e cultura, onde é possível “divertir-se, instruir-se e educar-se”. São imprescindíveis para a continuidade e renovação do movimento anarquista, onde gerações de libertários encontram-se e aprendem uns com os outros, reforçando laços de amizade, solidariedade e afinidade, em uma sociedade cada vez mais individualista.

## REFERÊNCIAS

CUBERO, Jaime. O Centro de Cultura Social e os primeiros ateneus. In: CUBERO, Jaime. Seleção de textos e entrevistas. 2. ed. São Paulo: Centro de Cultura Social, 2017.

FLOREAL, Sylvio. Ronda da meia noite: vícios, misérias e esplendores da cidade de São Paulo. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GALLO, Sílvio. Pedagogia libertária: anarquistas, anarquismos e educação. São Paulo: Intermezzo, 2015.

Dossiê 005. Anarquismo. DEOPS/SP. Arquivo do Estado de São Paulo.

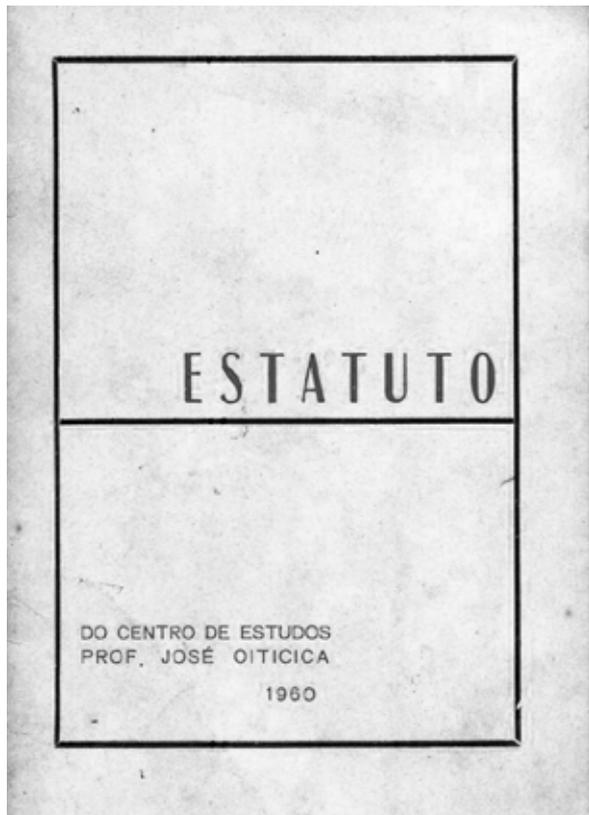
# O CENTRO DE CULTURA SOCIAL, HERDEIRO DAS PRÁTICAS ANARQUISTAS

Antonio Carlos de Oliveira <sup>1</sup>

## Introdução

O movimento anarquista do início do século passado foi intensamente perseguido pelos diferentes governos federais, estaduais e municipais do Brasil.

Anarquistas que fundaram o Centro de Cultura Social de São Paulo (CCS), em 1933, viveram essa fase e encerraram suas atividades durante a ditadura Vargasista, em 1937. Apesar da repressão, os que animavam o CCS continuaram ativos contra a ditadura civil-militar populista de Vargas. As atividades foram retomadas de 1945 até 1969, quando o Ato Institucional nº 5 (AI-5),



Capa do estatuto do CEPJO, 1960.

da ditadura civil-militar de 1964, fez recrudescer a repressão contra trabalhadores urbanos e rurais, estudantes e movimentos sociais. Anarquistas, como Ideal Peres,<sup>23</sup> e o Centro de Estudos Professor José Oiticica (CEPJO), do Rio de Janeiro, entre outros, sofreram na mão da repressão pós AI-5.

## A mais recente ditadura civil-militar do Brasil

A ditadura civil-militar não terminou com a eleição de Tancredo Neves no colégio eleitoral de 1985, afinal os militares conseguiram se impor, garantindo a impunidade através da Lei da Anistia de 1979, e continuaram na ativa, participando de diferentes partidos políticos e dos diferentes governos eleitos. Como afirmou Malatesta (1987, p. 90):

“[...] não há dúvidas de que a pior das democracias é sempre preferível à melhor das ditaduras, pelo menos de um ponto de vista educativo. Certo, a democracia – o pretense governo do povo – é uma mentira, mas a mentira acorrenta sempre um pouco o mentiroso e limita seu bel-prazer. O ‘povo soberano’ é um soberano de teatro, um escravo com uma coroa e um cetro de papelão; mas pensar que se é livre, mesmo que não seja verdade, é sempre melhor do que saber que se é escravo e aceitar a escravidão como coisa justa e inevitável.”

Fato é que a derrocada da ditadura se deu por uma série de ações, e não só a eleição. Começou em 1972, quando mulheres da zona sul de São

<sup>2</sup> Ideal Peres, ver: EMECÊ, Boletim do NPMC, nº33, dezembro 2015. [https://marquesdacosta.files.wordpress.com/2016/02/emece\\_33.pdf](https://marquesdacosta.files.wordpress.com/2016/02/emece_33.pdf)

<sup>3</sup> Ferrua, Pietro. Lembranças do Ideal Peres. Revista NU-SOL – PUC/SP, 2013. <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/download/30597/21159/81706>

<sup>1</sup> Professor, membro do Centro de Cultura Social.

Paulo criaram, a partir das Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica, o Movimento Contra Carestia que, em 1978, reuniu mulheres na Praça da Sé para entrega simbólica de um abaixo-assinado com mais de 1 milhão e 300 mil assinaturas contra a política econômica do governo dos militares, a carestia e o desemprego. Não por acaso, nesse ano explodiram greves de trabalhadores da indústria metalúrgica em Osasco e São Bernardo do Campo.

Essas extraordinárias demonstrações de revolta e repulsa contra a ditadura, somadas a uma série de mortes, como a do estudante secundarista Edson Luiz, em 1968, no Rio de Janeiro, e as do jornalista Vladimir Herzog, em 1975, e do metalúrgico Manoel Fiel Filho, em 1976, ambas em São Paulo, levaram à criação da Lei da Anistia, em 1979. Permitiu-se que centenas, talvez milhares, saíssem da clandestinidade ou voltassem ao Brasil, porém, como diz a letra dos Racionais MC's (1997): "Em qual mentira vou acreditar?" Essa lei foi um acordo feito pelas elites para garantir a transição pacífica para uma democracia burguesa, sem punição aos militares e civis envolvidos em inúmeros atos de tortura, assassinatos e desaparecimentos. Essa negociação e a falta de uma análise crítica da ditadura continuam nos atormentando hoje, nas demonstrações dos que reivindicam a volta dos anos de chumbo.

Os movimentos populares ganhavam força, enquanto a ditadura resistia com atos como o do Riocentro, em 1981, no qual militares, felizmente frustrados pela incompetência, morreram quando tentavam explodir bombas em um ato do 1º de maio.

Quase que prevendo acontecimentos futuros, a banda punk Inocentes, entre 1981 e 82, faz a música *Pânico em SP*<sup>4</sup>. Em 1983, em mais um dia de manifestação organizada pelo Movimento Contra o Desemprego e a Carestia, milhares saíram às ruas. A polícia militar agiu com violência e a manifestação pacífica desdobrou-se em saques, arrastões e depredações, terminando em frente ao Palácio dos Bandeirantes, quando pessoas desempregadas derrubaram parte das grades e ameaçaram invadir a sede do governo paulista.

Em 1984, milhões saíram pelas ruas e aveni-

<sup>4</sup> A música foi gravada depois, em 1986, em um mini LP de mesmo nome, gravado no estúdio Mosh, em São Paulo.

das do Brasil no movimento das Diretas Já!, novamente frustrado pelas elites políticas e econômicas que preferiram fazer conchavos e acordos com os militares.

## 1985 - O CCS de velinhos, punks, estudantes, professores e trabalhadores

O Centro de Cultura Social foi reaberto em 1985 e segue funcionando até hoje. Contudo, é importante destacar que apesar do fechamento oficial da sua sede, anarquistas continuaram, dentro do possível, mantendo uma série de encontros e atividades clandestinas, inclusive contando com a presença de inúmeros companheiros vindos de vários estados, exilados políticos e visitantes de outros países. Eram recebidos, entre outros lugares, na Sociedade Naturista Amigos da Nossa Chácara, mantida para esse fim, e, como nos relatou a companheira Cibele Troyano, havia reuniões clandestinas na loja de calçados dos irmãos Cuberos, no Brás, e nas exhibições de cinema que faziam em praça pública, também no Brás.

Além de São Paulo, é importante destacar a



Primeira página do jornal *Inimigo do Rei* nº1, 1977.

atuação dos companheiros da Bahia, com o jornal *O Inimigo do Rei*, depois publicado em São Paulo. Também do Movimento Estudantil Libertário (MEL), e as lutas e atividades no Rio Grande do Sul, que precederam a reabertura do CCS.

Retomando a introdução desse texto, ressaltos esses aspectos para propor duas reflexões: a literatura anarquista no Brasil no final dos anos 1970 até a refundação do CCS é escassa, muito voltada para os clássicos, e para a história do anarquismo norte-americano e europeu. Hoje lemos críticas a livros e autores daquele período, porém, era o que tínhamos acesso na época e essas leituras foram muito importantes em nossa formação.

Isso nos traz outra questão. Principalmente por causa da última ditadura, que durou 21 anos, foi criado um hiato, um vácuo, na formação de militantes. Dessa forma, como em todas as fases anteriores do CCS, a presença de militantes experientes nos momentos de reabertura pública das atividades dos anarquistas foi importante, porque a literatura não dá conta de aspectos da organização anarquista que só podem ser apreendidos na convivência, interação e troca de experiências.

Permitam-me um aparte, tenho alguma dificuldade em compreender o conceito de “conflito de gerações”<sup>5</sup>, pois a ideia de “gerações” me parece algo nebuloso. Recentemente li que as gerações se referem a um período de 10 anos. Ainda assim, todos que nasceram no mesmo período de 10 anos fazem parte da mesma geração? Concorro com Oliveira (2010, p. 09) quando diz que há um prejulgamento do adulto em relação ao jovem e também com Becker (1986, p. 46 e 53) quando argumenta que, ao falarmos de uma determinada geração, generalizamos aspectos específicos pessoais, culturais, familiares, de condição social, racial, de gênero, espacial (rural e urbano, centro e periferia), ou seja, essa generalização absurda não contribui para a compreensão dos acontecimentos de uma determinada geração.

## Do Punk para Centro de Cultura Social

Eu, como outras pessoas, antes de chegar

<sup>5</sup> Gerações: Qual o conceito de mãe perfeita? Mulheres de diferentes gerações têm ideias distintas. <https://escolaeducacao.com.br/qual-o-conceito-de-mae-perfeita-mulheres-da-geracao-z-tem-ideias-diferentes-sobre-esse-assunto/>

ao anarquismo organizado estava no movimento punk que, no início dos anos 1980, com exceções, ainda não tinha o nível de leitura e organização que veremos nos punks e anarco-punks de tempos posteriores.

Desde o seu início, os punks formam bandas. Felizmente, como não tínhamos a figura do empresário, as próprias bandas organizavam os shows, ou seja, produziam e divulgavam essa cultura.

Em 1981, os punks estavam produzindo fanzines que rapidamente se tornaram uma febre e suprimam a necessidade de informação e formação para jovens, na sua maioria trabalhadores, moradores de regiões periféricas das grandes capitais, com pouquíssima escolaridade ou advindos de uma escola também problemática, porque ainda vivíamos a ditadura.

O punk, além de ser um movimento de cultura juvenil, estimula a rebeldia e produz sua própria cultura, o *do it yourself*, o “faça você mesmo”. Essas características marcantes o aproximam do anarquismo.

Essas vivências e aprendizados do anarquismo e seu autodidatismo tornam mais significativo o “faça você mesmo” dos punks. Para mim, pessoalmente, isso se intensificou principalmente depois de assistir a uma palestra do Professor Valverde e ler sua tese de doutorado, *Pedagogia Libertária e o Autodidatismo* (VALVERDE, 1996). Seja pela experiência na produção de fanzines ou pela vivência com anarquistas, concluo que muito do que aprendi no punk levei para o Centro de Cultura Social, e dele para meu trabalho na educação formal escolar, e para diversos outros trabalhos com jovens em situação de vulnerabilidade social, e para a vida e minhas pesquisas, acadêmicas ou não. E, assim, reafirmo que muito me desenvolvi de maneira autodidata – uma forma político-pedagógica de educação baseada na solidariedade e realizada no ensino e aprendizado mútuos.

Importante recordar que parte desse aprendizado também foi fazer diminuir drasticamente um dos mais graves problemas que o punk paulista vivia até a metade da década de 1980, que era a “treta” (conflito) entre gangues (grupos), de São Paulo e do ABC paulista. Outras tentativas haviam sido frustradas, porém, entre meados de 1984 e 1985, os dois lados se organizaram e realizaram uma série de reuniões. Talvez, não por



Cartaz do CDPA

acaso, essa união coincidiu com o distanciamento do movimento punk de grupos *skinheads* e o crescimento de grupos *White Power*, os neonazistas.

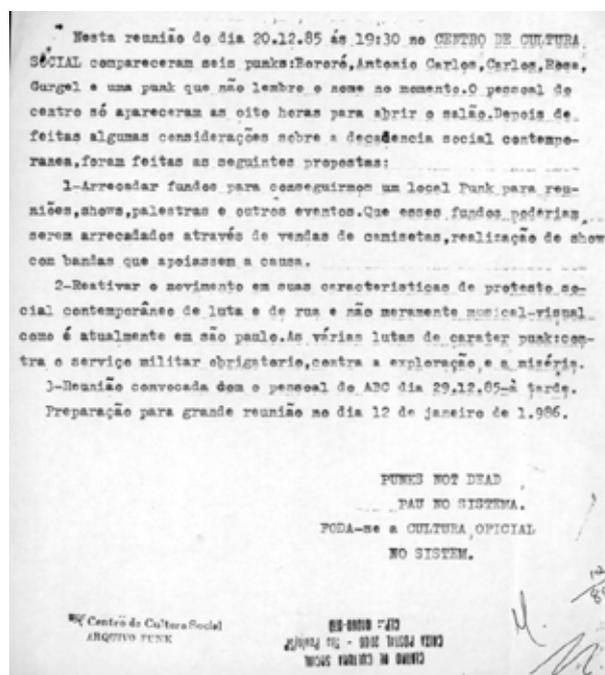
Eu produzia cultura punk, fiz os fanzines *Anti Sistema* (2 em 1984 e 2 em 1985) e o *Aborto Imediato para o Renascer de um Novo Espermatóide*, esse com meu amigo Edivaldo e sua companheira Tania (3 em 1986). A busca por uma atuação política e as leituras dos zines me aproximaram do anarquismo. Escrevi para um endereço que encontrei no fanzine *Núcleo de consciência punk*. Era do Centro de Pesquisa e Documentação Anarquista da Bahia, que avisou que em breve seria inaugurado um Centro Anarquista em São Paulo. Troquei muita correspondência com o próprio editor desse zine, o Gurgel, então frequentador do CCS, mas que infelizmente, posteriormente, se envolveria com grupos nazis. Enfim, comecei a frequentar o CCS esporadicamente em 1985, sendo que em dezembro daquele ano realizamos uma reunião lá, para solicitar o espaço para um dos encontros que comentei acima, relacionados ao conflito entre gangues de SP e ABC, além de outras propostas.

Vale destacar que muitos punks tinham outras vivências, como a organização de shows para arrecadação de alimentos para os metalúrgicos do ABC, em greve no início dos anos de 1980. Lembro de presenciar uma conversa acalorada entre pessoas do grupo punk Anjos de São Bernardo do Campo<sup>6</sup>, que debatiam sobre anarquistas como Proudhon, Bakunin e Kropotkin, em um evento musical, em 1984, em Mauá.

### O Centro de Cultura Social e o anarquismo na prática

O CCS desse período era uma associação, um espaço animado e mantido por anarquistas, porém, estatutariamente, aberto à participação de todos. Foi e continua sendo um local de um intenso debate das mais variadas práticas sociais e correntes do pensamento. Tive a oportunidade de presenciar falas de pessoas das mais variadas vivências culturais e pessoais, de diferentes profissões, posições políticas, sempre do campo da esquerda e progressistas.

Além das palestras e debates, o CCS manteve parceria com inúmeras instituições, entre essas, o Centro de Memória do Imigrante, hoje, Museu do Imigrante, já realizou cursos em parceria com



Ata de reunião com elementos punks no CCS, 1985.

<sup>6</sup> Teixeira, Aldemir Leonardo. *O movimento Punk no ABC Paulista: anjos: uma vertente radical*. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3833>

a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e também atividades na subseção do Sindicato dos Químicos, próxima à estação Belém de metrô.

De início, o CCS ocupava duas salas da rua Rubino de Oliveira, nº 85, sobreloja, depois, devido a dificuldades, concentrou esforços para manter a sala maior. As atividades aconteciam sempre aos sábados, mantinha um plantão às quartas, e as reuniões eram aos domingos. Durante anos, fechou somente nos meses de julho ou janeiro. Toda essa movimentação pode ser facilmente conhecida pelos seus boletins, hoje digitalizados e disponíveis na página do CCS (<http://www.ccssp.com.br>).

Dentre suas figuras, destaco algumas. Primeiro, o Jaime Cubero, que era extremamente cuidadoso e atencioso. Aos sábados, logo após o almoço sentava ao lado do telefone e ligava para várias pessoas para convidá-las para a atividade daquele dia. Trazia sempre consigo as fitas cassetes para gravar as palestras. Era quem tratava com todas as pessoas que buscassem informações sobre o CCS, sobre anarquismo, sobre uma variedade de temas, livros e nomes do anarquismo.

Assim que subíamos as escadas, encontrávamos o velho Martins (Antônio Martinez) e sua banquinha de livros, ele fez uma espécie de prateleira de madeira e mesinha que rapidamente montava e onde dispunha uma série de títulos, era comum ele puxar conversa com os que visitavam pela primeira vez, dificilmente alguém saía sem receber um folheto, jornal ou algum material anarquista para leitura.

Muitos dos livros vendidos eram de antigas editoras que os anarquistas criaram e que na mais recente ditadura haviam escondido. Muitos outros eram comprados pelo grupo anarquista Projeção, para serem revendidos como forma de divulgação do anarquismo e manutenção do espaço.

Vários dos velhos militantes de São Paulo e Rio de Janeiro faziam parte do Projeção e entendiam o CCS como o braço público do movimento anarquista, uma vez que eles mesmos se organizavam nesse que era, talvez, um dos últimos remanescentes dos “grupos de afinidade anarquistas”<sup>7</sup>,

uma forma de organização clandestina ou semi-clandestina dos anarquistas que remonta ao início do século XX. Essa forma de organização não é ensinada, mas apreendida na relação com o outro, nas trocas, na escuta, nas observações. Afinal, eles sobreviveram a inúmeras ditaduras, foram eles que resguardaram um enorme acervo sobre a história do anarquismo no Brasil e, principalmente, eram os transmissores das formas de organização do movimento anarquista. Hoje, parte do acervo desse grupo pode ser encontrado com o Grupo de Estudos de História Social em seu Acervo Círculo Alfa de Estudos Históricos<sup>8</sup>.

O Jaime dizia que muitos dos acadêmicos que vinham apresentar suas pesquisas no CCS sabiam que ali era de fato o crivo da qualidade dos seus trabalhos. Uma palestra virava um debate acalorado e rapidamente as perguntas e questionamentos colocavam muitos expositores em situações delicadas. Muitos dos seus antigos sócios, os “velhinhos e velhinhas”, eram exilados da ditadura portuguesa ou da Guerra Civil Espanhola, além



Boletim *Inserção*, do grupo Projeção, de 1993.

<sup>7</sup> Grupos de afinidade ver IEL – Instituto de Estudos Libertários: <https://ielibertarios.wordpress.com/sobre-3/>

<sup>8</sup> Grupo de Estudos de História Social em seu Acervo Círculo Alfa de Estudos Históricos: <https://ghehistoriasocial.blogspot.com>

de inúmeros trabalhadores, estudantes, artistas e a juventude, entre esses, os punks. Ao velho Jaime e ao Martins, juntavam-se Antonio e Francisco Cuberos (irmãos do Jaime), Antonio Padilha, Antonio Ruiz, Carlo Aldegheri, Diego Gimenez Moreno, Felix Gil Herrero, Germinal Leuenroth, Nito Lemos Reis, Pedro Rueda, Sônia Oiticica, Virgilio Dall’Occa e tantos outros e outras cujo nome não recordo.

Chegar ao CCS foi ter contato, não só com um universo cultural riquíssimo e diversificado, como também com o anarquismo organizado, ou seja, muito além do “anarquismo como estilo de vida” questionado por Murray Bookchin (1995).

Ainda em 1985 fica claro o desejo de retomada da ação anarquista nos movimentos sociais, com a organização dos Núcleos Pró-Confederação Operária Brasileira (COB), que realizou em maio de 1986, em São Paulo, o congresso desses núcleos espalhados pelo Brasil. A iniciativa estendeu-se até meados de 1987/88 quando, através de uma manobra torpe, o núcleo foi retirado do CCS e se constituiu como um sindicato e uma seção local dessa federação.

Essa manobra espúria levantou o questionamento de uma possível infiltração trotskista ou de pessoa(s) de caráter duvidoso, cujo objetivo era diferente do idealizado pelos militantes do CCS, e significou um enorme atraso e retrocesso na organização do movimento em SP.

Em 1987, por sugestão de um punk que frequentava o CCS, meu nome foi indicado para participar da mesa *O Movimento Punk*, junto com

Gurgel, do Núcleo de Consciência Punk, e o Falcão, da banda Excomungados. A mesa fazia parte do ciclo *Cultura, Contra Cultura e Cultura Alternativa*. Esse debate está publicado na 2ª edição do livro que escrevi, *Punk, Memória, História e Cultura* (Oliveira, 2021), publicado pelo CCS. Nesse momento, mais que em qualquer outro, aprendi, de fato, muito sobre o anarquismo.

O principal responsável por eu ter uma percepção das minhas limitações e conhecimento sobre o anarquismo e suas práticas foi o velho companheiro Carlo Aldegheri. Ele foi de uma simplicidade e gentileza absurda. Estávamos eu e outro punk sentados, quando Carlo, bastante curvado, com os olhos opacos e os cabelos brancos, chegou e sentou ao nosso lado. De repente, perguntou: “Mas o que desejam vocês, punks?” Meu amigo rapidamente respondeu: “Fazer a revolução social.” Ele então repetiu: “Fazer a revolução social.” E acrescentou: “E o que farão no dia seguinte à revolução?” Meu colega tentou argumentar, eu emudeci. Pronto, lá estava ele destruindo minhas pretensões intelectuais. Durante a mesa, fez perguntas e questionamentos simples, mas mordazes. Me perguntou: “E essa camiseta camuflada?” Respondi que era uma forma de agredir o sistema, ele então me perguntou se eu sabia que o símbolo que eu usava mais fortalecia do que criticava a cultura militar. Em outro momento, o Falcão disse que éramos mais de “um mil punks anarquistas em SP”, o Carlo disse que nem na Espanha revolucionária havia visto tantos anarquistas.

Ele saiu antes do término, morava longe, no



Panfleto da LTOV, início dos anos 1990.

Guarujá. Pedi seu endereço para o Jaime e passei a me corresponder com ele, depois tive o prazer de frequentar a sua casa e conhecer sua companheira, Anita. Anos mais tarde, já estudante de História na universidade e trabalhando como professor, tive outro vislumbre da inteligência do Carlo. Percebi que ele havia me dado uma das maiores aulas sobre Piaget e seu conceito de *assimilação – desequilíbrio – acomodação*: você assimila um conhecimento, acha que sabe muito, há uma situação de desequilíbrio e você toma um choque, que o faz assimilar e acomodar novo conhecimento, até que haja um novo desequilíbrio, e assim sucessivamente (TAILLE; OLIVEIRA; DANTAS, 1992). Carlo e Anita deixaram marcas profundas no meu entendimento sobre anarquismo. O Nelca e o CCS publicaram o livro *Carlo & Anita Aldegheri: vidas dedicadas ao anarquismo* (2017), sobre a vida desse casal, vale a pena ler.

Em 1988, o CCS começou a discutir a possibilidade da fundação da Escola Livre – Pedagogia Libertária, houve várias reuniões sobre o tema, foi organizado o Núcleo de Estudos Filosóficos, ao mesmo tempo que se retomou a discussão para uma organização anarcossindicalista. A ideia da escola não frutificou, porém, em 1989 foi fundada a Liga de Trabalhadores em Ofícios Vários de SP (LTOV-SP), que publicou o boletim *Combate Sindical*. Desde antes da refundação do CCS, era mantido contato com a Federação Anarquista Ibérica (FAI) e com a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), organizações para as quais havia sido comunicada a criação dos Núcleos Pró-COB e agora apresentavam a LTOV-SP.

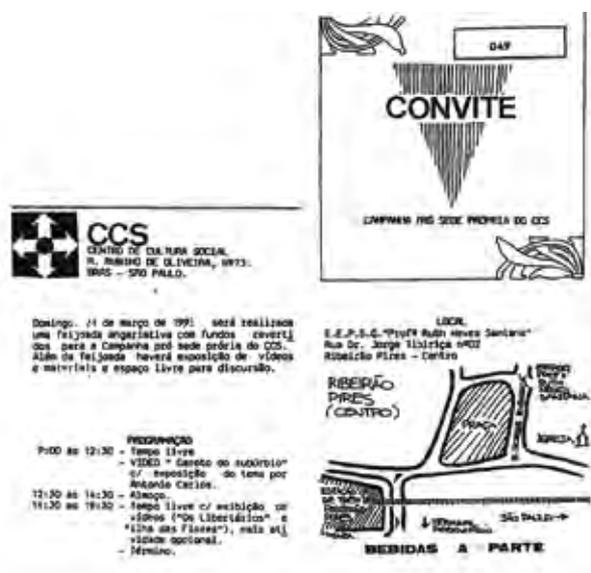
Em 1990, foi organizada a proposta de um curso para o ensino do idioma Esperanto. Porém, o CCS estava em crescentes dificuldades financeiras para manter seu espaço autogerido, evidenciando-se que a cultura criada cotidianamente pelos trabalhadores só é valorizada por eles próprios. Em 1991 a assembleia dos sócios do CCS lança a Campanha Pró-Sede Própria, mas, apesar das inúmeras contribuições em dinheiro, ou outras como os almoços cuja arrecadação era revertida para o Centro, as dificuldades continuaram.

Buscando maior inserção social, em 1992 foi organizado o Grupo Anarquismo e Militância, que fazia reuniões para discutir e buscar alternativas para as questões da vida cotidiana a partir da perspectiva anarquista. No mesmo ano, devido ao

constante aumento no valor dos aluguéis, o CCS mudou de espaço, permanecendo na mesma rua, mas no número 73.

Iniciamos também a discussão sobre a organização do *Outros 500 – Encontro do Pensamento Libertário Internacional*. Talvez hoje possa parecer algo tranquilo, porém, na época, tivemos uma acalorada discussão sobre realizar um encontro anarquista no TUCA, teatro da PUC, uma universidade católica, e com financiamento parcial público, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), via Faculdade de Ciências Sociais da PUC. Contudo, abandonamos esse purismo quando percebemos que nem a Igreja ou a Universidade interfeririam na organização. Foi lindo, anarquistas de vários estados e países, dos mais diferentes tipos de pensamentos e ações, reunidos, discutindo práticas e atualizando parte do escopo teórico do anarquismo.

Esse momento coincidiu com as manifestações pelo *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello, muita gente saiu em passeata da PUC para o Vale do Anhangabaú, onde o companheiro Fábio Paro Sugoïama, o “Gafa”, subiu em uma torre de transmissão, na frente do palco, e abaixou as calças mostrando a bunda bem no momento em que o Lula falava. A repressão, como sempre, estava presente, e alguns anarcopunks foram presos. Então, participantes do encontro que ocorria na PUC compareceram na Delegacia de Polícia exigindo a libertação deles. Como eu disse: foi lindo.



Convite para almoço de campanha da sede própria do CCS em Ribeirão Pires, 1993.

Durante esse encontro alguns companheiros trouxeram a proposta da criação de uma Federação Anarquista no Brasil. Os debates giraram em torno de termos ou não grupos organizados dentro de uma lógica anarquista; desses grupos já desenvolverem ações entre si, ao ponto de todos se conhecerem; e de terem estabelecido a confiança necessária, que é a base da organização anarquista. Só a partir da federação do trabalho é que pode surgir uma organização de grupos anarquistas. Como eu ouvi muitas vezes o velho Martins dizer: “Somos poucos e somos maus e não somos maus porque somos poucos, somos maus porque não vemos que juntos seríamos mais fortes.”

A Federação não se concretizou, porém demos um passo importante com a criação do Nó – Núcleo de Ação e Propaganda, que publicou o boletim *Liberô Geral*. A proposta era que cada localidade organizasse um grupo para receber e distribuir as informações vindas de outras localidades, aproximando os grupos locais e os mais distantes. Estimulando que esses grupos locais se aproximassem e, com o tempo, trabalhassem juntos, compartilhando as formas de organização e

suas práticas às demais localidades, para que uma federação pudesse surgir quase que como um desdobramento natural.

Nesse início dos anos 90, o CCS também se reencontrou com parte da juventude anarquista de SP, os anarcopunks que tinham se afastado em 1988 devido à separação do CCS e do Núcleo da COB de SP. Eles não só retomaram, como em breve passaram a integrar o quadro de sócios e a Comissão Administrativa do Centro de Cultura.

Verdade seja dita, nada disso seria possível sem o brilhante trabalho do companheiro Plínio Augusto Coêlho, que teve várias editoras, atualmente a Intermezzo, e realizou várias iniciativas de encontros internacionais, bem como colaborou diretamente na criação do Instituto de Cultura e Ação Libertária (ICAL), na Vila Madalena, em São Paulo. O Plínio é um exemplo de militância comprometida com a história do anarquismo no Brasil.

Em outubro de 1993, o Jaime, com vários outros companheiros e companheiras, compareceu ao *Anarquisme: Exposició Internacional* realizado na Espanha, onde foi falar sobre o anarquismo no Brasil.

Devido a dificuldades financeiras, o CCS ficou sem sede, então, em 1994 realizou suas atividades no espaço da Editora da Tribo, próximo ao metrô Santa Cruz. Em 1995, ocupou a Fundação Escola de Sociologia e Política de SP (FESPSP), na Vila Buarque, próximo ao metrô Santa Cecília; também a USP, no Butantã; e a subsele do Sindicato dos Químicos de SP, no Belém.

Repetirei o que disse e escrevi em inúmeras oportunidades: o punk foi a minha primeira universidade. Muito do que sou, do que aprendi produzindo fanzines, as experiências das tretas, dos rolês, das interações pessoais, devo ao punk, à rebeldia e ao “eticismo generoso”, como diríamos do velho Carlo Aldegheri. Porém, o Centro de Cultura Social foi minha pós-graduação, tudo que aprendi no punk, no CCS foi onde pude potencializar, dar um sentido e uma direção concreta.

Nos últimos anos, a faceta mais bestial do capitalismo mostrou suas garras – o fascismo – e enganam-se os que acreditam que a vitória do atual presidente aniquilou ou ao menos afastou essa besta. Esse governo de uma esquerda eleitorista institucional, que se submete aos interesses do capital e que busca a conciliação de classes, não



Boletim do Núcleo de Correspondência de São Paulo *Liberô Geral*, 1992.

terá a coragem necessária para combater a extrema direita que se esforça por se organizar.

Encerro recordando outra lição do velho Martins: o movimento social é como a onda, que vem forte, avassaladora, mas volta. O refluxo é forte, não podemos estar na frente da onda, não somos vanguarda, mas não podemos estar atrás da onda, temos de estar juntos com a onda e saber o melhor momento para agir.

Sempre estivemos lutando contra o Estado, os governos, os políticos que legislam em causa própria, seja dos seus partidários, amigos, familiares ou seus financiadores, sendo que, nesse caso, os últimos são os primeiros. Com organização e luta essa onda vai passar.

## Referências

BECKER, Daniel. **O que é adolescência**. São Paulo: Nova Cultura, 1986.

BOOKCHIN, Murray. **Anarquismo Social ou Anarquismo de Estilo de Vida: Um abismo intransponível**. 1995. Disponível em: <https://bibliotecaanarquista.org/library/murray-bookchin-anarquismo-social-ou-anarquismo-de-estilo-de-vida-um-abismo-intransponivel>

**Carlo & Anita Aldegheri: vidas dedicadas ao anarquismo**. Guarujá : Núcleo de Estudos libertários Carlo Aldegheri, São Paulo: Centro de Cultura social, 2017.

MALATESTA, Errico. **A anarquia e outros escritos**. 2. ed. Brasília: Novos Tempos Editora, 1987.

OLIVEIRA, Maria Lucia de. **A rebeldia e as tramas da desobediência**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

OLIVEIRA, Antonio Carlos de. **Punk, memória, história e cultura**. 2. ed. São Paulo: Centro de Cultura Social, 2021.

RACIONAIS MC'S. Qual mentira vou acreditar? In: **Sobrevivendo no Inferno**. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 1997. CD. Faixa 9.

TAILLE, Yves de la; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus Editorial, 1992.

VALVERDE, A. J. R. (1996). **Pedagogia libertária e o autodidatismo** [Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas]. Repositório da produção intelectual e científica da Unicamp. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/25389>

# CHICO CUBEROS E AS LEITURAS DRAMÁTICAS NO CCS

*Alberto Centurião*<sup>1</sup>

“Ingressei no CCS em 1945; são sessenta e poucos anos de militância. Nesta entidade vivi alguns dos melhores momentos de minha vida. No laboratório de ensaio do CCS, da década de 50, até o ciclo de leituras dramáticas até pouco existentes, fundiram-se duas grandes razões do meu viver, o anarquismo e o teatro.”

(Chico Cuberos em sua carta de despedida, datada de 28/11/2007).

Chico Cuberos e Cuberos Neto, dois nomes para a mesma pessoa. O primeiro, um militante que dedicou sua vida à causa do anarquismo. O outro, seu alter ego, era o profissional de teatro e TV, com extensa carreira marcada por passagens pelo TBC e atuações ao lado de Procópio e Bibi Ferreira, entre outros ícones do teatro brasileiro.

Cuberos Neto, eu já o conhecia das reuniões da classe teatral, das novelas de Geraldo Vietri, na TV Tupi, e de vê-lo atuando em “Mahagonny” de Bertolt Brecht, com direção do grande Ademar Guerra. Foi em 1996 que nos tornamos amigos, quando juntos participamos do Movimento dos Artistas Sem Teatro, o MAST, mobilização da categoria pela criação de espaços cênicos, liderada pelo Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões no Estado de São Paulo, o SA-



Leitura dramática do Grupo de Teatro 6 de abril em 2000.

TED-SP. Foi por intermédio de sua amizade que tomei conhecimento e comecei a me interessar pelo ideal anarquista e seu ideário.

Dele ouvi contar sobre o CCS, Pedro Catallo e o Laboratório de Ensaio. Foi então que percebi no amigo uma vida dupla, ou melhor, única, uma, íntegra, que ostentava duas faces: o ator e o militante. Que ele era militante em tempo integral, polemizando sempre nas reuniões da “classe”, e também era sempre o homem de teatro por onde fosse, fora e dentro dos palcos ou do Centro de Cultura. Inconformado com a falta de atividades teatrais no CCS, falava com saudades do Laboratório de Ensaio, onde se descobrira ator, ainda adolescente, e de Pedro Catallo, seu primeiro mestre, que o incentivou a seguir carreira profissional.

Certo dia, em 1999, Cuberos me convidou para dirigir uma leitura dramática da peça “Colônia Cecília”, escrita por Renata Pallottini. A apresentação seria em um evento do Centro de Cultura. Por falta de atores e cantores no coletivo, pois se tratava de uma peça musical, ele propôs convidarmos os colegas de ofício em teatro, não participantes do movimento anarquista, porém afinizados com o ideal libertário. E assim foi formado o elenco das primeiras leituras que marcaram a volta do teatro ao Centro de Cultura Social.

O convite a participar do “Encontro Internacional de Cultura Libertária em Florianópolis”, realizado pela Universidade Federal de Santa Catarina, em setembro de 2000, foi ocasião para realizarem-se substituições no elenco, com a inclusão dos militantes do Centro de Cultura, que a partir de então marcaram presença constante no Núcleo Dramático 6 de Abril, nome em auto-homenagem, referência à data de nossa primeira reunião, em 1999. Nesse evento, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o CCS participou com as leituras dramáticas da já citada “Colônia Cecília” e também de “Liberdade Liberdade”, escri-

<sup>1</sup> Escritor, ator e membro do CCS.



Chico Cuberos e Clara Dall'Oca em atuação da peça *O coração é um labirinto* no teatro de arena do CCS em 1966. Esse texto é apresentado como leitura dramática novamente no CCS em 2013.

ta por Millôr Fernandes e Flávio Rangel e de “O Último Programa de Cubanacan”, um monólogo escrito por mim e interpretado por Cuberos Neto, o Chico.

As leituras prosseguiram intensivamente até 2007, depois esporadicamente, até 2013. Desde a inauguração da sede própria, na rua Gal. Jardim, a declamação de poemas veio ocupar o espaço das leituras dramáticas, que eram realizadas no CCS e em outros locais, como o Tesão – A Casa do Soma, o Sated-SP e o Museu do Imigrante. Além das três peças que já citei, foram lidas entre outras: “A Velha Guarda”, de Murilo Dias César; “O Herege”, de Morris West; “Sauna Mista”, de Mário Vaz Filho; “Como Rola Uma Vida” e “O Coração É um Labirinto”, de Pedro Catallo; “Rômulos Magnus”, de Friedrich Dürrenmatt; “Bella Ciao”, de Luiz Alberto de Abreu; “Santo Inquerito”, de Dias Gomes; “As Criadas”, de Jean Genet; “Morte Acidental de um Anarquista”, de Dario Fo; “Lisístrata”, de Aristófanes; “Quando as Máquinas Param”, de Plínio Marcos; “Deus lhe Pague”, de Joracy Camargo; “O Assalto”, de José Vicente; “O homem do princípio ao fim”, de Millôr Fernandes; o poema dramático “Chico Rei”, de Walmir Ayala e uma performance teatral alusiva aos 90 anos da Greve de 1917.

Paralelamente às leituras dramáticas, em conjunto com A Casa da Soma, foi realizado no Nosso Sítio um “Seminário de Dramaturgia Li-



Apresentação da aula teatro “Emma Goldman, uma vida libertária” com Cibele Troyano em 2015.

bertária”, coordenado por Roberto Freire e por mim, com o objetivo de despertar em novos autores o interesse pela criação de peças de teatro e roteiros para vídeo e cinema, estimulando a pesquisa e o desenvolvimento de novos caminhos estéticos para a dramaturgia de expressão libertária.

Entre outros associados do CCS à época, participaram do elenco das leituras dramáticas: Beatriz Tragtenberg, Cid Gabriel, Fábio Dias, Fabrício Martinez, José Carlos Morel, Miriam Almeida, Nildo Avelino, Nilton César e Parmênides Martinez.

A lista dos profissionais do teatro que participaram das leituras é extensa, passando por Almir Marcelino, André Tadeu, Eliane Rizk, Elizabete Cavalcante, Ione Prado, Jefferson Poli, João Acaia-be, Lígia de Paula (à época presidente do SATED-SP), Osmar Di Pieri, Tarcísio José (que fez a direção musical de “Colônia Cecília”) e Marcelo Medeiros (que dirigiu a leitura de “O Herege”).

“O Coração é um labirinto”, de Pedro Catallo, foi a última leitura, em 2013, encerrando o ciclo iniciado em 1999. Chico Cuberos, falecido em agosto de 2010, já não estava entre nós, ele que foi o idealizador e maior entusiasta desta atividade.

Recentemente, novas performances teatrais voltaram a marcar a presença do teatro no Centro de Cultura Social, por iniciativa da autora, atriz e diretora Cibele Troyano, com apresentações de sua aula-teatro “Emma Goldman, uma Vida Libertária”, entre outros trabalhos.



# CENTRO DE CULTURA SOCIAL

## SUAS FINALIDADES E A OBRA QUE VEM DESENVOLVENDO

O Centro de Cultura Social é uma organização cultural há anos incorporada à vida pública de S. Paulo, uma coletividade aberta a todas as correntes inovadoras, a todas as inquietudes humanas. Tendo por ponto de partida a liberdade, traçou seu desenvolvimento neste postulado em prol dele, e, trabalha pelo máximo desenvolvimento intelectual e moral de seus cooperadores.

Todos quantos se interessem por uma cultura que conduza à formação de uma nova personalidade, livre de atavismos religiosos, da intolerância, característico das mentalidades autoritárias e das baixas preocupações de política, podem pertencer ao seu quadro social.

Os socios desta instituição permanecerão nela enquanto interessados na difusão de uma cultura livre, tanto no aspecto científico como no sociológico, qualquer que seja a escola filosófica ou a tendência social a que cada um pertença.

A esta associação poderão trazer, por consequência, o tributo de sua cooperação, estudantes, obreiros manuais, homens de profissões liberais, periodistas, advogados, médicos, artistas, etc.

Entre outros propósitos imediatos o

Centro de Cultura Social consagra sua atenção na difusão de uma cultura elevada, por meio de conferências públicas, palestras comentadas e debates sobre temas que interessam ao desenvolvimento da cultura e que vem sendo realizadas semanalmente.

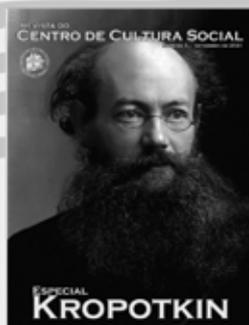
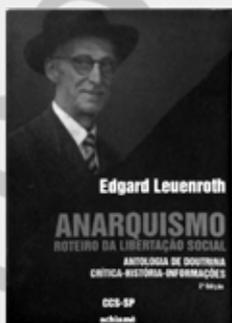
Na nossa tribuna é permitida a exposição serena de todas as doutrinas e de todas as idéias, sem, de maneira alguma, propagá-las pela paixão sectária.

Todos os problemas que se relacionem com a cultura moderna têm seu mais seguro lugar de exposição na nossa tribuna.

Todos os espíritos inquietos, homens e mulheres estudiosos, quem deseje investigar e saber, quantos sintam a nobre vocação de instruir-se e dignificar-se por uma cultura ampla e sã, têm no C.C.S. sua casa onde são recolhidos com fraternal afeto.

Devemos proclamar a nossa abstenção às atividades político-partidárias e que não pesa sobre nós nenhuma influência dogmática, como não nos escravizamos a qualquer tirania filosófica.

Como complemento dessa obra cultural pela tribuna, o C.C.S. mantém em sua sede, uma biblioteca, em formação, cujas obras, à disposição dos estudiosos, correspondem às matérias de investigações e estudos consensuais de investigações e estudos consensuais



visite <http://ccssp.com.br/livrariaccs> \*



[www.ccssp.com.br](http://www.ccssp.com.br)



[ccssp@ccssp.com.br](mailto:ccssp@ccssp.com.br)



[facebook.com/centrodeculturasocialSP](https://facebook.com/centrodeculturasocialSP)



[instagram.com/centro\\_de\\_cultura\\_social](https://instagram.com/centro_de_cultura_social)



[youtube.com/centrodeculturasocial](https://youtube.com/centrodeculturasocial)

**CENTRO DE CULTURA  
SOCIAL**

**A CONQUISTA DA CONSCIÊNCIA E DA LIBERDADE**